

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Diego Azevedo Godoy

ALÉM DO MUSICOTERAPEUTA

Um estudo sobre a identidade do Musicoterapeuta e seu reconhecimento,
fundamentado no sintagma identidade-metamorfose-emancipação.

Mestrado em Psicologia Social

2015

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Diego Azevedo Godoy

ALÉM DO MUSICOTERAPEUTA

Um estudo sobre a identidade do Musicoterapeuta e seu reconhecimento,
fundamentado no sintagma identidade-metamorfose-emancipação.

Dissertação apresentada a Banca
examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo como exigência
parcial para obtenção do título de Mestre
em Psicologia Social sob a orientação do
Prof. Dr. Antonio da Costa Ciampa.

Mestrado em Psicologia Social

São Paulo
2015

Banca examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a meus pais, minha mãe Mara de Azevedo por ser a maior professora que pude ter e nenhuma escola ou universidade pôde me dar, carregando assim a possibilidade de aprender seus ensinamentos. Me apoiou integralmente e incondicionalmente para alcançar um objetivo que parecia muito distante, agradeço sua força, perseverança, determinação e dedicação em me educar um homem de integridade, reflexivo e intelectual, me ensinado o equilíbrio, a paz, o amor e a vontade por conhecimento. A paciência que teve comigo, a abertura de diálogo e troca de ideias, o entendimento de minha subjetividade, a influência primordial em minha profissão, em minhas ideologias, valores e crenças, em aceitar minhas escolhas e me mostrar à beleza da vida. Dentre muitos adjetivos e qualidades que posso descrevê-la gostaria de resumir como uma pessoa especial, agradeço por você ser minha referência, se hoje sou quem sou e consegui o que consegui, grande parte devo a você, portanto gostaria de dedicar esta dissertação de mestrado a você.

A meu pai Antônio Fernando Godoy que me despertou a vontade de ser professor, de passar conhecimento adiante, de ser um homem da academia, que me apoiou em meus objetivos sempre me ajudando. Mesmo distante reconheço o quanto fez por mim e o quanto foi importante em minha formação, sei que tivemos momentos difíceis, mas do contrário não seríamos filho e pai, agradeço por me possibilitar ter as oportunidades que tive, se esforçar para me proporcionar o melhor e os conselhos que me deu nas horas que precisei. Agradeço seus ensinamentos e tenho a honra de levar adiante o legado da academia científica na família, traçando um caminho em minha carreira do qual sempre me espelhei em você, obrigado por ser meu pai, por tudo que fez e faz, dedico também de maneira primordial esta dissertação a você.

As minhas irmãs Lara Azevedo Godoy e Ruana Azevedo Godoy e meu irmão Fernando Pimentel Godoy por compartilharem comigo a união da família e sempre estarem presentes.

A meu avô Amado Leonisio Azevedo, querido velho baiano que me despertou o interesse pela ciência, pelo conhecimento, pelo estudo, a vontade de aprender o novo, a disciplina com metas e objetivos, compreendendo que

estudar é a melhor coisa na vida, o meio pelo qual nós potencializamos nossas capacidades como seres humanos, nos tornando mais experientes, mas inteligentes, mais completos. Tenho como inspiração sua história de vida e a honra de seguir seus passos.

A minha vó Claudete Bortolin que sempre me auxiliou e me deu suporte, como uma segunda mãe, tenho guardado com carinho tudo que me proporcionou e me ajudou a conquistar, com sua solidariedade e bondade, sou grato pelo apoio, dedicação, paciência e tolerância que teve comigo.

Aos meus avós de Fernandópolis, Domingos Godoy Repizo e Lurdes Justi Godoy. Que apesar da distância sempre me ajudaram e contribuíram em minha educação, através da simplicidade, humildade e humanidade, fizeram de mim um homem melhor, obrigado pela educação, carinho e amor.

Dedico também a todos os Musicistas que como eu acreditam no potencial que a música possui, tanto como comunicação, interação, entretenimento, até à capacidade terapêutica e transformadora na dimensão da saúde do ser humano. A todos os Musicoterapeutas que honram as suas formações e fazem da profissão um percurso histórico por reconhecimento, conquista de espaço e objetivo de proporcionar avanço no âmbito da saúde do ser humano. E todos os que estudam, trabalham ou estão de alguma forma relacionados a área da Música, da Psicologia, da Ciência e da Saúde.

AGRADECIMENTOS

Agradeço todos os professores da minha formação desde a escola, passando pela faculdade, pela pós graduação (especialização) e principalmente no programa de mestrado em Psicologia Social da PUC-SP, agradeço a dedicação em me formar um aluno sempre melhor, através dos ensinamentos, aprendizados, acolhimentos, reconhecimentos, orientações.

Ao meu orientador Antonio da Costa Ciampa, que me influenciou na graduação através de seu livro e me abriu as portas como aluno ouvinte possibilitando a oportunidade de estudar a Musicoterapia e a identidade do Musicoterapeuta através da perspectiva da Psicologia Social, realizando minha formação no mestrado e aprendendo a ser um pesquisador.

Aos professores da banca Odair Furtado e Marco Antônio Carvalho Santos pela disposição e paciência em contribuir, discutir, analisar, criticar e suggestionar meu texto de qualificação e minha dissertação final.

Meu querido e admirado amigo Daniel, a sua querida mãe e a grande avó, que me receberam de portas abertas em sua casa na grande cidade, me permitindo dormir em seu estúdio de música, tomar meus banhos em sua casa, tomar os cafés da manhã juntos, além de me auxiliar muitas vezes em nossos papos de segunda à noite e nossos poucos momentos de criação musical.

A minha ex-namorada Nathalie Bonassa que fez parte de minha história por sete anos, muito tenho a lhe agradecer pela importante presença em minha vida, obrigado pelo aprendizado e por todo o apoio, carinho, amor e união que me proporcionou durante toda esta jornada, tanto nos momentos prazerosos quanto nos momentos difíceis.

A minha co-pilota, navegadora, amiga e companheira, Camila Rossetti que muito me ajudou incondicionalmente, tanto na parte textual, como pela troca de experiência, sendo indispensável sua ajuda e motivação me proporcionando seu apoio integral, muito obrigado pela paciência, dedicação, amor e parceria.

Aos colegas de mestrado na PUC-SP e principalmente do núcleo de pesquisa (NEPIM), que me ajudaram, auxiliaram, acalentaram e proporcionaram o melhor de suas experiências e vivências, em especial a

Débora, Catarina, Francis, Diane, Professor Juracy, Paula, Mariana, Alexandre, Luiz, Maristela e todos do núcleo de pesquisa.

Ao meu sujeito de pesquisa entrevistado pois sem ele não seria possível realizar esta pesquisa, agradeço a sua contribuição, paciência e vontade de participar da pesquisa principalmente por estar disposto a contribuir com a ciência e com o conhecimento.

A toda minha família que sempre esteve ao meu lado, de Piracicaba, Fernandópolis até a Bahia, primos, tios, amigos de infância, amigos de faculdade, amigos de trabalho, amigos de sangue.

A CAPES pela bolsa/taxa de estudos que me permitiu e auxiliou a cursar o mestrado.

*Mama told me when I was young
Come sit beside me, my only son
And listen closely to what I say
And if you do this it will help you some
sunny Day*

*Take your time, don't live too fast
Troubles will come and they will pass
Go find a woman and you'll find love
And don't forget, son there is someone
up above*

*And be a simple kind of man
Be something you love and understand
Baby, be a simple kind of man
Won't you do this for me, son?
If you can?*

*Forget your lust for the rich man's gold
All that you need is in your soul
And you can do this if you try
All that I want for you, my son
Is to be satisfied*

*And be a simple kind of man
Be something you love and understand
Baby, be a simple kind of man
Won't you do this for me, son
If you can?*

*Boy, don't you worry, you'll find yourself
Follow your heart and nothing else
And you can do this if you try
All I want for you my son
Is to be satisfied*

*And be a simple kind of man
Be something you love and understand
Baby, be a simple kind of man
Won't you do this for me, son
If you can?*

*Baby, be a simple man
Be something you love and understand
Baby, be a simple man*

Simple Man - Lynyrd Skynyrd

A sociedade é fruto da atividade humana coletiva. Acreditar nesse pressuposto implica em conceber o homem como “ator” da história, um agente que pode ser concebido e se conceber como capaz de ser modificado e modificar a realidade. (Lucília Augusta Reboredo)

RESUMO

GODOY, D. A. (2015). **Além do Musicoterapeuta**. Um estudo sobre a identidade do Musicoterapeuta e seu reconhecimento, fundamentado no sintagma identidade-metamorfose-emancipação. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A presente pesquisa tem como intenção contribuir com os estudos dos processos de metamorfose e os movimentos emancipatórios, procura-se compreender a constituição e o desenvolvimento da identidade profissional do Musicoterapeuta, quais são os possíveis movimentos dialéticos de regulação / emancipação e as relações de reconhecimento da identidade profissional, utilizando-se do conceito de identidade elaborado pela teoria de Ciampa (2007) e dos pressupostos teóricos do Núcleo de Estudos e Pesquisa Identidade Metamorfose (NEPIM). Apropriando-se fundamentalmente da concepção do sintagma: Identidade-Metamorfose-Emancipação, para elaborar uma análise teórica de entrevista semi-estruturada do sujeito, com base na fundamentação metodológica da narrativa de história de vida. Visto que o principal aspecto da identidade a ser aprofundado nessa pesquisa está na dimensão do reconhecimento, pretende-se estudar a relação que o reconhecimento da identidade profissional possui com o reconhecimento da identidade pessoal, explorando questões de identidade coletiva e de identidade individual, fundamentando-se de conceitos como: outro generalizado em Mead (1973), identidade de papel, identidade do eu em Habermas (1983), políticas de identidade e identidades políticas, em Goffman (1975) / Ciampa (2002), reconhecimento jurídico e estima social em Honneth (2003). Após a exposição da revisão de literatura, o aprofundamento sobre os pressupostos da teoria da identidade e a análise metodológica da entrevista, destina-se com as considerações finais apresentar os dados concluídos sobre a relação que a ordem do reconhecimento ocupa na identidade do Musicoterapeuta e o sentido atribuído pelo mesmo ao relacionar sua identidade pessoal e sua identidade profissional.

Palavras chave: Identidade, Musicoterapia, Reconhecimento

ABSTRACT

GODOY, D. A. (2015). **Beyond The Music Therapist**. A study on the identity of the Music Therapist and his recognition, based on syntagma: identity-metamorphosis-emancipation. Master's Thesis. Pontifical Catholic University of São Paulo.

This research is intended to contribute to the study of metamorphosis processes and emancipatory movements, we seek to understand the formation and the development of professional identity of the music therapist, what are the possible dialectical movements of regulation / emancipation and the relations of recognition of professional identity, using the concept of identity developed by the theory of Ciampa (2007) and the theoretical assumptions of the nucleus of Study and Research in Identity Metamorphosis (NEPIM). Appropriating fundamentally of the conception of the syntagma: Identity-Metamorphosis-Emancipation, to develop a theoretical analysis of semi-structured interview of the subject based on the methodological foundation of the life history narrative. Since the main aspect of identity to be thorough in this research is in the dimension of recognition, we intend to study the relationship that the recognition of professional identity has with the recognition of personal identity, exploring collective identity and individual identity issues based in concepts such as: generalized other in Mead (1973), paper identity, identity of self in Habermas (1983), identity politics and political identities in Goffman (1975) / Ciampa (2002), and legal recognition and social esteem in Honneth (2003). After exposure of the literature review, the deepening on the assumptions of identity theory, and the methodological analysis of the interview, it is intended with the final considerations present data completed on the relationship that the recognition order occupies in the identity of the music therapist and the meaning attributed the same to relate their personal identity and their professional identity.

Keywords: Identity, Music Therapy, Recognition

SUMÁRIO

Prólogo.....	12
Introdução	14
Capítulo 1. Musicoterapia: O Levantamento sobre o Tema da Pesquisa	25
1.1 História e Formação no Contexto Brasileiro	30
1.2 Profissão / Atuação	32
1.3 Regulamentação / Legitimação.....	37
Capítulo 2. A Identidade e seus Pressupostos Teóricos na Dimensão do Reconhecimento	41
Capítulo 3. A História de Lorena, a Identidade de uma Musicoterapeuta	60
Considerações Finais.....	79
Referências Bibliográficas.....	82

Prólogo

Dentre os vários personagens importantes em minha história de vida, dois foram os que marcaram esta trajetória de forma influente e direta, o Musicista e o Psicólogo. Possibilitando posteriormente através de uma junção o início de um terceiro personagem que será comentado logo adiante.

A música sempre fez parte de minha vida, tanto aprendendo como ensinando, um de meus personagens tem na música a razão de sua vida. Acima de ser um simples Musicista, a relação e o significado que a música possui em minha história vai além de um papel profissional e se expande sobre as outras dimensões de minha vida desde pequeno. A conexão que a música apresenta com meu ser é de certa forma inexplicável.

A Psicologia torna-se parte integrante de minha identidade muito antes de prestar um vestibular e entrar na faculdade. Com uma biblioteca repleta de livros de Psicologia em minha casa, posso compreender a influência da profissão de minha mãe de forma indireta em minha vida desde meus interesses pelos livros, até em nossas conversas mediadas pelo saber psicológico.

O interesse em unir as duas áreas do conhecimento humano que são parte da minha própria identidade em uma pesquisa acadêmica, começa a ocorrer de forma espontânea ao iniciar os estudos acadêmicos após a graduação.

A única coisa que sabia e desejava era estudar a identidade do ser humano através da Psicologia Social, porém ao iniciar os esboços do projeto não tinha ideia do que eu iria estudar em relação à interlocução das áreas da identidade e da música.

Percorrendo então o início do caminho acadêmico, durante o processo de preparação e elaboração do projeto de pesquisa do mestrado é que eu descubro um terceiro personagem da história até então inexistente, o Musicoterapeuta. Ao entrar no curso de pós-graduação em Musicoterapia e começar os estudos na área, após eu me identificar com as disciplinas e me intensificar com o curso, chego ao meu tema de pesquisa. O estudo sobre a identidade do Musicoterapeuta fundamentada pela perspectiva teórica da Psicologia Social.

Assistindo a realidade de um país que apesar de possuir cursos, faculdades e profissionais trabalhando com Musicoterapia, ainda possui pouca tradição nos estudos vinculando a Musicoterapia com a Psicologia Social, em especial na área de identidade. Isso fez desta pesquisa um desafio, em termos inéditos, com pouco referencial teórico sobre os objetos de pesquisa entrelaçados.

Contudo, a pesquisa tornou-se muito prazerosa e motivadora em contribuir com o avanço nos estudos proporcionando novas reflexões, de forma neutra e apartidária, mesmo possuindo relação pessoal com o tema, que também, diga-se de passagem, apresenta tanto aspectos positivos como negativos, que foram analisados, investigados e tratados integralmente de forma imparcial e acadêmica.

Boa Leitura.

Introdução

Pensar em identidade sob a perspectiva da Psicologia Social é pensar em um universo infinito de aspectos a serem estudados. É preciso compreender a noção de ser humano posto pela Psicologia Social elaborado por Silvia Lane que desde a década de 60 iniciou a construção de um Programa de Psicologia na PUC-SP, onde o aspecto sócio-histórico, o aspecto cultural e a relação dialética¹ são partes integrantes da constituição do homem em sociedade, “O indivíduo sujeito da história é constituído de suas relações sociais e é, ao mesmo tempo, passivo e ativo (determinado e determinante).” (LANE, 1984, p. 40).

A construção e elaboração por Lane de uma concepção própria e específica da Psicologia Social se desenvolvia devido à preocupação com os problemas da realidade social do homem, procurando diferentes formas de se fazer Psicologia, em busca de uma Psicologia Social pensante e atuante politicamente na transformação da sociedade. Reelaborando então a compreensão de Alexis Leontiev, incorporando como categorias fundamentais do Psiquismo Humano: consciência, atividade, emoções e identidade, sendo que as três primeiras categorias podem ser englobadas na categoria de identidade. Aspectos que perpassam por dimensões de consciência, atividade e emoções também podem ser estudados dentro da categoria da identidade.

Nossas investigações nos levam, porém, a algumas reformulações. A primeira delas emergiu em várias pesquisas que apontavam para a identidade como uma categoria, a qual culminou com o estudo de A. C. Ciampa (1987). Este, mediante a análise dialética de uma história de vida (Severina), constata que a identidade Social se constitui num processo de metamorfose/cristalização do Eu decorrente do conjunto das relações sociais vividas pelo sujeito. (LANE. 2006. p.56).

¹ Pressupondo que a realidade não se apresenta para os homens a primeira vista, é preciso analisar e compreender como a existência real e as formas fenomênicas da realidade, são concebidas muitas vezes se contradizendo com a estrutura da coisa e sua essência e com o conceito que a corresponde. O pensar da dialética neste texto fundamenta seu significado na concepção moderna que, segundo Konder (1981, p.8), “é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação.”. Assim o pensamento dialético é de certa forma abstrato, a consciência dialética transpõe o limiar do pensamento cotidiano e o coloca em jogo, rompendo com os limites dos discursos formados e da busca por uma posição de verdade absoluta que não possua contraposições, rompendo também com a consciência de proibição.

Ao estudarmos a concepção de identidade e a obra elaborada por Ciampa (2007), devemos entender que o conceito e a categoria de estudo da Psicologia Social posto pelo autor se constitui em um processo dialético, considera a noção de indivíduo como ator social em constante movimento/interação e apresenta maior sentido ao considerar a noção do sintagma: identidade-metamorfose-emancipação, conceitos que estão precisamente associados um ao outro.

A metamorfose traz o sentido de transformação que existe no processo de constituição da identidade, mesmo quando parece não haver metamorfose na identidade, é somente uma aparência de mesmice que surge como momento de estagnação, a identidade é metamorfose e são as lutas pela transformação que visam movimento de emancipação, estabelecendo uma tríade conceitual com um sentido singular.

Um pensamento básico para começarmos a ter ideia do conceito, é o fato de que não nascemos humanos e sim nascemos humanizáveis, "... o indivíduo não nasce membro da sociedade. Nasce com predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade." (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 167). Antes mesmo de nascer quando nossos pais ou familiares escolhem nossos nomes, projetam nossos quartos, compram nossas roupas, se inicia o processo de constituição da identidade, a nossa identidade é inicialmente atribuída pelos papéis que ocupamos no meio sócio-histórico que pertencemos, possibilitando a compreensão que em identidade o vir a ser precede o ser em si. "Ou seja, sempre há a pressuposição de uma identidade; sempre uma identidade é pressuposta, podemos até desconhecer-la; mas, pressupomos sua existência." (CIAMPA, 2007, p. 153).

A identidade como pressuposição é uma identidade dada, atribuída, outorgada pelo outro, o primeiro momento da identidade é pressuposta, "suposta antecipadamente". Quando a pressuposição é incorporada e atua diretamente no indivíduo, ele passa a articular e ocupar uma posição a despeito do grupo social se relacionando assim em diferentes esferas articulando sua posição, apresentando sua posição e representando as características que lhe foram atribuídas em sua pressuposição.

Logo, após ser pressuposta e posta, a identidade é re-posta a todo momento na relação e interação com a sociedade pelo próprio indivíduo. A reposição corta o processo de tempo, 'sucessão temporal', aparecendo então como dado de uma identidade pronta, fixa, permanente e estável, que Ciampa (2007, p.164) compreende ser a mesmice de si. "A mesmice de mim é pressuposta como dada permanentemente e não como reposição de uma identidade que uma vez foi posta.", consequentemente podemos entender que, "uma vez que a identidade pressuposta é repostada, ela é vista como dada – e não como se dando num contínuo processo de identificação." (CIAMPA, 1984, p. 66).

Muitas vezes é possível ter uma sensação da aparência de mesmice ou, da não transformação, mantendo uma identidade conservada, ou acreditando que ela permaneça igual.

Assim, a identidade que se constitui no produto de um permanente processo de identificação aparece como um dado e não como um dar-se constante, que expressa o movimento do social. (CIAMPA, 2007, p. 171).

Estudando este processo de constituição da identidade, ao fazermos uma análise teórica podemos conceber sucessivas superações dialéticas em seu modo de conceber o indivíduo em constante desenvolvimento e formação da identidade, a ideia de identidade como algo fixo, estável e estático é excluído pelo autor, ao trazer em sua teoria o sentido do conceito de metamorfose levando à concepção de um processo constituinte e inerente/intrínseco à constituição da identidade.

Somos socializados, estimulados a interagir de acordo com a cultura em que estamos inseridos. A identidade em seu conceito engloba todos os aspectos envolventes do ser humano, sendo um processo dialético de desenvolvimento social e nosso reconhecimento como seres humanos vêm por meio de nossa identidade. Em um artigo chamado "Indivíduo e sociedade" de Berger (1971), podemos ler o seguinte: "É dentro da sociedade e como resultado de um processo social, que o indivíduo se converte em pessoa, adquire e mantém uma identidade e realiza os diversos projetos que constituem sua vida." (BERGER, 1971, p.2). Embora o autor articule: 'adquirem

e mantém uma identidade' ele também fala dos diversos projetos que constituem a vida.

Quando pensamos em nossa identidade estamos pensando em que exatamente? Qual parte dela? Em qual momento? Quais características? Qual personagem? Qual papel? Difícil não? Pois é, a identidade é um processo, quando nos questionam sobre nossa identidade, nossa tendência imediata é dar uma definição de identidade estática e fixa, deixando de lado a perspectiva dos diversos projetos que constituem nossa vida, dos diferentes papéis, dos vários personagens, esquecemo-nos de nossas atuações como atores sociais e pensamos em uma única imagem que defina tudo, como quando pensamos em nosso nome.

Mas a função do nome e sobrenome é mais relacionada em um sentido estrutural, pressupondo um reconhecimento instantâneo que possibilita tanto discriminar e distinguir como igual ou diferente, tornando possível um outro indivíduo que esteja em interação nos identificar rapidamente.

... No caso do nome a atividade é nomear, chamar (e com isso nos determinar) ... "Quer dizer, em primeiro lugar, que ele nos distingue, nos diferencia dos outros: o nome indica a identidade. Numa linguagem de dicionário, pode-se dizer que identidade é reconhecimento de que um indivíduo é o próprio de quem se trata; é aquilo que prova ser uma pessoa determinada e não outra. (CIAMPA, 2007, p.137).

Consequentemente

Cada nome completo indica um indivíduo particular, como unidade do singular (indicado pelo nome próprio) e do geral (indicado pelo nome da família). Com isso se revela um dos segredos da identidade: *ela é a articulação da diferença e da igualdade*. (CIAMPA, 2007, p.138).

Então podemos dizer que a representação que o nome terá para este indivíduo, será diferente da representação que o nome terá para outro indivíduo em outra interação. Já que o reconhecimento da identidade é reciprocamente subjetivo entre as relações sociais, para cada interação existe uma identidade diferente, ou seja, um papel diferente exercido por um personagem específico e particular.

O mesmo indivíduo que possui uma relação conjugal com seu parceiro (a), também pode possuir uma relação paterna/materna com seu filho (a), pode também possuir uma relação profissional com seu funcionário (a) / patrão (a), ou seja, o indivíduo que se representa para 'um', (sendo o mesmo indivíduo) é diferente quando se representa para 'outro' e principalmente diferente de quando se representa para 'si mesmo' em relação a sua história, (passado/futuro).

Os vários papéis de um indivíduo contribuem para a totalidade de sua identidade e cada papel tem sua função, "a sua atuação", assim então um homem tem muito em comum com o outro em termos de universalidade, pois coletivamente possuem papéis em comum, porém os vários personagens que constituem uma identidade são singulares e com características próprias e particulares.

Estes papéis sociais que entrelaçam nossa identidade são constituintes do processo de nosso desenvolvimento, o "ator social" se relaciona socialmente através de diferentes papéis atribuídos ou conquistados e cada um pode ter um personagem diferente. Assim como a identidade possui papéis com status² já atribuídos como: filho, pai, mãe, avô, neto, etc., ela também pode possuir papéis com status conquistados, resultado de um aspecto da identidade que foi reconhecido por uma posição social conquistada (não outorgada) atuando em um de seus papéis. Exemplo de um estudante de Musicoterapia que se torna um Musicoterapeuta, obtendo nesse papel um status conquistado.

A constituição da identidade dialeticamente se dá entre a nossa identificação atribuída pelos outros e a nossa própria autoidentificação.

A formação de identidade é um processo psicológico, por sua vez, porque a identidade é definida a partir das identificações e desidentificações pessoais e porque estas

² "Status é usado como sinônimo de posição na estrutura social, sendo ele uma abstração definida pelas expectativas dos membros da sociedade relevante, ou seja um conjunto de expectativas, enquanto papel é entendido como conduta, como um conjunto de comportamentos que o indivíduo desempenha no sentido de tornar boa ou legítima a sua ocupação de uma posição ou "status" específico". (CIAMPA, 1977, p.3). Porém podemos considerar de maneira mais diretiva o conceito de posição estando relacionado ao "lugar que se ocupa socialmente", o conceito de status atrelado ao sentido de "valor" e o conceito de papel ligado ao "desempenho/conduta".

(identificações/desidentificações) são moduladas por desejos, vontades, estados de ânimo, motivos, interesses, percepções de ordem pessoais, subjetivas, bem como pelo modo como articulamos subjetivamente valores, padrões, crenças interiorizados: “da confluência [...] de nossas necessidades com as prescrições e expectativas interiorizadas de nossos papéis elaboram-se as máscaras de nosso desempenho social” (Fonseca, 1988: 73). A própria individualidade, inclusive, já pressupõe um processo anterior de investimentos que modulam a constituição do indivíduo. (ALMEIDA, 2005, p. 57).

Esta dissertação se fundamenta em algumas perspectivas teóricas e pressupostos de Berger; Luckmann, (1985) e da teoria dos papéis de Goffman (2004)³, basicamente para compreendermos a relação dos papéis e personagens na estrutura da teoria da identidade de Ciampa (2007), mais adiante para o avanço da discussão da constituição da identidade em relação a identidade profissional, serão percorridos alguns conceitos importantes em Mead (1973), Habermas (1983), Ciampa (2002) e Honneth (2003), pontuando que:

Identidade frequentemente é vista como representação (representada), vista como dada; vimos que considerá-la só do ponto de vista representacional (enquanto produto) deixa de lado o aspecto constitutivo (enquanto produção), bem como as implicações recíprocas desses dois momentos. (CIAMPA, 2007, p.160).

A identidade é movimento, é um processo de desenvolvimento social que vai se constituindo a partir das interações do indivíduo nos âmbitos da objetividade da natureza, da subjetividade do próprio indivíduo, da intersubjetividade das relações e da normatividade do social.

Nestes termos, a identidade expressa um processo dinâmico de articulação entre o fazer-se e pensar-se, o representar-se e buscar reconhecimento, de um lado e o ser produzido, representado e reconhecido socialmente, de outro lado. (ALMEIDA, 2005, p. 58).

³ “Este trabalho não está interessado nos aspectos do teatro que se insinuam na vida cotidiana. Diz respeito à estrutura dos encontros sociais – a estrutura daquelas entidades da vida social que surgem sempre que as pessoas entram na presença física umas das outras.” (GOFFMAN 2004, p. 233).

Objetivo/Metodologia

O objetivo proposto por esta pesquisa fundamenta-se em contribuir com os estudos dos processos de metamorfose e os movimentos emancipatórios que envolvem a construção identitária do Musicoterapeuta, compreender quais são os possíveis movimentos dialéticos de regulação/emancipação, quais as relações de reconhecimento⁴ profissional e o sentido que é dado a elas pelo indivíduo no processo da constituição de sua identidade.

Trabalhando na presente pesquisa um tema onde o cenário é o de uma profissão interdisciplinar, a Musicoterapia, sua história e formação, sua luta pela regulamentação, a legitimidade da profissão, seu status, reconhecimento e estima social. Abordamos a construção identitária de um Musicoterapeuta (individual), que em decorrência da normatividade social tem em comum com outros Musicoterapeutas uma identidade (coletiva), que é o exercício da profissão. Iremos percorrer brevemente os conceitos da identidade do papel e da identidade do Eu em Habermas (1983), onde será elaborada uma interlocução com o sentido das políticas de identidade e identidades políticas, primeiro termo proposto por Goffman (1975) e segundo por Ciampa (2002), para chegarmos à compreensão da relação entre o reconhecimento e a estima da identidade do Musicoterapeuta com base em pressupostos teóricos de Honneth (2003). Estabelecida essa fundamentação teórica será possível após o campo ser feita a análise e discussão para possibilitar a compreensão do sentido que o reconhecimento da identidade do Musicoterapeuta apresenta em relação a sua história.

Este trabalho é um estudo que pode vir a fornecer subsídios de pesquisa como ferramenta de auxílio e influenciar pesquisas em outras áreas, elaborado no âmbito da Psicologia Social, tendo como propósito metodológico uma pesquisa descritiva e de estudo qualitativo, que não busca informações e resultados quantitativos nem estatísticos, a pesquisa não se propõe a fazer um estudo no âmbito populacional nem análise comparativa, o campo metodológico foi desenvolvido através de estudo de caso de uma

⁴ O conceito de reconhecimento será utilizado de acordo com o modelo teórico de Honneth (2003).

personalidade com uma história de vida rica em experiências, através de um procedimento de entrevistas semi-estruturadas com um método de narrativa de história de vida.

Na medida em que as entrevistas de metodologia semi-estruturada se deram livremente, pediu-se ao entrevistado que contasse a sua história de vida, assim a narrativa que é construída pelo entrevistado se concretiza de um ponto de vista no presente, recriando e resignificando o passado mediante o uso da memória. Então este ‘ator social’ que seguiu um ‘roteiro’ ao longo da vida, ao narrar sua história se torna um ‘autor social’ que passa a ser o próprio ‘construtor’ de sua história de vida.

De um lado, distinguimos uma autoria coletiva da história – da qual todos somos co-autores – história que todas as personagens (que somos) montam, constituindo-se reciprocamente. Os autores mesmos são personagens da história. De outro lado, há uma autoria individual, *invenção assinada*, que é daquele personagem chamado *autor* e que de fato, sempre é um *narrador*, um *contador de histórias*. (CIAMPA, 2007, p. 155).

A intenção no modo que se aplica a entrevista é compreender a constituição da identidade através da história narrada. Ao começarmos a entrevista perguntando ‘Quem é você? E quem você gostaria de ser?’ Se torna possível explorar os sentidos que o sujeito Musicoterapeuta atribui a sua identidade, em duas dimensões, em sua história de vida (passado) e em seus projetos e planejamentos (futuro). Compreendendo o sentido das metamorfoses e lutas pela emancipação, que constituem o processo de construção identitária profissional para o Musicoterapeuta de longa história e carreira antiga.

“Ter acesso à sua história de vida e compreender o universo do qual ele faz parte, nos torna enquanto pesquisadores(as), interlocutores(as) em seu processo. Nos aproximamos, assim, mais criteriosamente, da sua interpretação de mundo e da dialética das relações que estabelece consigo mesmo, com o outro e com a sociedade. (ANTUNES, pg. 73, 2012).

O pesquisador conduz a entrevista de acordo com a identificação dos movimentos identitários na narração, não manipula mas sim pode guiar e

direcionar o entrevistado para que a entrevista não se torne uma conversa alheia ou simplesmente pergunta e resposta, pelo fato apenas do norteio de sua semi- estrutura o entrevistado pode ter a liberdade para falar, se comunicar de forma espontânea, podendo às vezes se desviar radicalmente de algo que tem objetivo à pesquisa ou também podendo se bloquear e interagir apenas através de frases curtas e monossilábicas como sim e não, o que em ambos os casos é desfavorável, pois a entrevista não se caracteriza como aberta nem como estruturada. A pesquisa é qualitativa e possui interesse em compreender os sentidos expressados na narrativa da história de vida e dos projetos futuros, é através do sentido que o entrevistado atribui a seus relatos e suas narrações que é possível identificar e analisar o processo identitário.

O objetivo do roteiro prévio é seguir um check-list dos aspectos que diretamente interessam ao tema, para poder guiar o entrevistado a continuar a narrar sua história visando aspectos da identidade que interessam diretamente ao tema, neste sentido o roteiro do pesquisador apresenta sub-tópicos de base como, por exemplo: família, trabalho, relação conjugal, amizade, infância, maturidade, posições políticas, religião, ideologias, etc. Se a pesquisa possui em seu tema um aspecto ligado ao trabalho, o pesquisador deixará o entrevistado dialogar de forma livre, dialogar a vontade, contudo atentando-se ao conteúdo narrado que apresente relação com este tema, ou seja, se o entrevistado estiver falando sobre sua infância e a fala seguir até o tema trabalho, positivo, contudo se o entrevistado estiver falando sobre sua infância e por muito tempo se prender à aspectos que não exploram a interlocução de outros temas, o pesquisador deve intervir e direcionar de forma sutil com uma pergunta, para que o entrevistado conecte um tema narrado ao outro.

Ao pesquisar a identidade do Musicoterapeuta pode-se também redescobrir a questão de como é a atividade desta profissão e quem é o sujeito que a exerce, descobrir novas perspectivas e novas possibilidades para a quebra de paradigmas sociais e modelos sociais massificados, estereotipados e até mesmo omitidos ou excluídos no sistema econômico opressor e repressor como o nosso sistema capitalista moderno.

A falta de apoio na luta pelo seu lugar profissional é uma questão histórica e a falta de reconhecimento profissional é uma questão de identidade. Uma identidade com falta de confirmação social, ou até mesmo com a recusa

da confirmação, é rejeitada e desaprovada. Porém um nível muito alto de rejeição pode levar a uma negação, resultando em uma recusa do reconhecimento e então um esquecimento.

Através de uma pesquisa de dissertação científica, pode-se muito contribuir e possibilitar condições de avanço no desenvolvimento da identidade deste profissional em relação à práxis cotidiana do profissional e na interação com a sociedade, apresentando uma relevância fundamental na esfera do trabalho como uma das principais atividades de produção do homem.

Para a conclusão deste trabalho o importante é discutir o sentido identitário de ser Musicoterapeuta para o profissional de longa história e carreira consagrada. Analisando então após a entrevista, através de sua narrativa de história de vida, seus papéis/personagens, seu status, os processos de metamorfoses, movimentos emancipatórios e sua relação identitária com o reconhecimento e a estima social, entrelaçados às políticas de identidade e identidades políticas.

Assim a estrutura e o corpo da dissertação se desenvolvem da seguinte maneira:

1º Capítulo: levantamento de trabalhos e pesquisas que possuem relação com o tema identidade do Musicoterapeuta. Após esse primeiro momento serão apresentadas de forma sintetizada a história, a profissão, a formação, a ciência, a atuação, regulamentação e a legitimação da profissão.

2º Capítulo: exposição do referencial teórico que fundamenta e compõe o objeto de estudo da pesquisa, conceitos e pressupostos teóricos de autores que apresentam contribuições sobre o estudo da identidade / reconhecimento e que se relacionam diretamente, ou possuem aspectos relevantes à compreensão do tema de identidade de uma forma geral, para com o tema da identidade do Musicoterapeuta pela perspectiva e dimensão da Psicologia Social.

3º Capítulo: história de vida e os projetos de vida do sujeito entrevistado, análises dos dados coletados a partir da teoria de identidade de Ciampa (2007) e das perspectivas teóricas do núcleo de estudo e pesquisa em identidade e metamorfose (NEPIM).

Finalizando o estudo apresento as considerações finais e resultados obtidos através da literatura e da análise feita sobre a entrevista. Por último apresento as referências.

Capítulo 1: Musicoterapia: O Levantamentos sobre o Tema da Pesquisa

A princípio devemos esclarecer algumas questões sobre o processo de levantamento de literaturas científicas para discutir os autores e publicações precursoras sobre esse tema. A especificidade da pesquisa em termos de interlocução entre os conceitos chave, resulta na dificuldade em encontrar estudos de referências diretas na mesma linha teórica, pois as variáveis teóricas e da análise de estudo são diferentes das publicações disponíveis.

A singularidade do tema desta pesquisa torna as referências mais escassas ao ter como objetivo estudar o processo de formação da construção identitária do Musicoterapeuta pelo universo da Psicologia Social e também ao utilizar uma metodologia de entrevistas semi-estruturadas através da narrativa da história de vida. Sendo assim, o sentido da revisão de literatura é construída em um nível mais amplo.

As literaturas mais encontradas sobre identidade e Musicoterapia, em sua maioria estão atreladas à utilização da Musicoterapia como instrumento de atuação terapêutica, para trabalhar diversas questões relacionadas à identidade, ou seja, como objetivo de estudos de desenvolvimentos, ganhos, processos e resultados de algum aspecto da identidade através de aplicação da prática musicoterapêutica como processo terapêutico. Por exemplo, estudar a identidade de um indivíduo portador de alguma patologia como Alzheimer, Parkinson, A.V.C., através de um tratamento musicoterapêutico.

Dessa forma os trabalhos encontrados não têm como intenção direta estudar a identidade do Musicoterapeuta, ou melhor, o processo de construção identitária do Musicoterapeuta. A revisão de referências literárias publicadas é apresentada para expor ao leitor a situação atual do tema e precursores que tratam do tema de pesquisa. Após apresentar algumas referências e publicações sobre o tema tratado, discutir as literaturas gerais sobre Identidade e Musicoterapia, partindo conseqüentemente para o desenvolvimento do referencial teórico.

A primeira exposição sobre as referências de artigos e pesquisas mais compatíveis com o tema, será de publicações com as palavras chave: identidade do Musicoterapeuta / identidade e Musicoterapia. Estes artigos não

exercem influência direta na metodologia e objetivo desta dissertação, mas discorrem em algum momento do conteúdo do tema da pesquisa.

Durante a busca percebe-se em alguns exemplos de trabalhos tratando do processo de formação profissional do Musicoterapeuta, ou do processo de regulamentação da profissão, alguns autores e algumas obras discorrem em determinado momento sobre a identidade do Musicoterapeuta, contendo alguns limites no suporte teórico do assunto da identidade, estando elas norteadas por objetivos e ideais distintos, priorizando a discussão da formação profissional, da importância do saber específico do Musicoterapeuta e da regulamentação da profissão, explorando de forma sutil a questão da identidade como categoria de estudo e teoria da Psicologia Social.

O referencial teórico mais próximo ao tema da dissertação foi encontrado disponível apenas em publicações que discorrem sobre a profissão e ou sua história, que expõem assuntos vinculados à discussões de um saber específico profissional, formação profissional, regulamentação profissional, contribuindo com a relevância do estudo para abordar a identidade desse profissional atualmente.

No processo de pesquisa e levantamento de literatura para a dissertação, destacam-se alguns trabalhos mais proeminentes para aprofundamento da discussão deste tema. Começando assim a citar o capítulo “A Origem”, do livro digitalizado “Musicoterapia no Rio de Janeiro 1955 – 2005” de Costa (2008), que aborda o assunto sobre o início da profissão. Pontua a autora que a origem é primordialmente feminina, o desenvolvimento das primeiras associações de Musicoterapia foram fundadas por mulheres no Rio Grande do Sul, Paraná, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Constata que a origem da prática vem de um desenvolvimento e de uma diversificação do trabalho de educação musical, adaptando métodos para a utilização em psiquiatria, psicopedagogia e reabilitação.

Nas décadas de 50 e 60 a bibliografia em Musicoterapia no Brasil praticamente não existia, não havendo nenhum registro dela, sendo que a utilização da música nos processos terapêuticos era autodidata. A introdução da Musicoterapia no Brasil ocorreu juntamente ao campo da psiquiatria com o trabalho de Ruth Loureiro Parames. Dentre outros capítulos importantes no livro de Costa (2008), os que tratam da história e da identidade da profissão

sendo relevantes para o tema são: “A produção do Saber”; “Precursores”; e “Quem Fomos, Quem Somos. Para onde Vamos.”.

Destacando também mais dois artigos importantes: Costa (2009) e Costa (2008), que abrangem a identidade da profissão, para assim compreender questões epistemológicas e metodológicas e o que faz da profissão uma atividade muito específica. Estes artigos são respectivamente: “A Especificidade da Musicoterapia e a Identidade do Musicoterapeuta”; trabalho Apresentado no XI Fórum Paranaense de Musicoterapia e IX Encontro Nacional de Pesquisa em MT, e: O Saber da Musicoterapia e o Musicoterapeuta, disponíveis no site da Biblioteca da Musicoterapia Brasileira.

Intercalando o tema com a saúde mental, a autora faz novamente uma breve contextualização histórica da Musicoterapia no Brasil, levanta alguns dados de associações e cursos precursores da profissão, mas explora também outros aspectos.

Com o decorrer do tempo, os textos dos Musicoterapeutas começam a focar a relação terapêutica e os aspectos, digamos assim, psicoterápicos da Musicoterapia e a procurar teorias psicológicas ou psicoterápicas para fundamentar a prática... Estudos sobre a música, que é o cerne da Musicoterapia, são praticamente esquecidos. (COSTA, 2009 p.1).

Ao levantarmos trabalhos que falam sobre o processo de construção da Musicoterapia, é notável observar um movimento de provar ou legitimar a Musicoterapia como ciência, sendo uma área interdisciplinar e multidisciplinar e sorvendo da fonte de outras ciências e conhecimentos, principalmente da área da saúde e da área musical/musicologia, expressões e estímulos sonoros, surge a seguinte questão: Musicoterapia é ciência ou não. Para a prática profissional são devidamente necessários profissionais específicos, capacitados, formados, especializados e detentores do saber musicoterápico. Isso não era muito claro antigamente.

Nestes primeiros tempos, ainda havia uma certa indefinição da Musicoterapia, causando igual indefinição sobre a identidade do Musicoterapeuta. Seu papel seria fundamental ou secundário nos processos terapêuticos? Seria um músico ajudando pessoas com problemas diversos de saúde? Seria um técnico, com o papel de auxiliar profissionais mais

qualificados para tratar os pacientes, como médicos ou psicólogos? (COSTA, 2009 p.1).

Pela união dos conhecimentos da música e da Psicologia entendidos como terapia e facilitadores de sentimentos e emoções, junto também da psiquiatria, psicopedagogia, educação e diversas outras áreas que contribuíram para a constituição e desenvolvimento da identidade da profissão, a Musicoterapia começa a ter seu espaço como profissão específica.

Artigos teóricos e pesquisas desenvolvidas em âmbito acadêmico demonstraram que o Musicoterapeuta não se enquadra na categoria de médico, nem músico, nem psicólogo, ele é um profissional diferente com o saber de um conhecimento terapêutico singular. Neste sentido, Costa (2009, p. 1) cita três fatores necessários para que algo se constitua uma ciência, “um corpo de teorias que constituem seu saber, métodos e técnicas para sua prática e profissionais capacitados para exercê-la.”. De acordo com esta afirmação ela complementa que a Musicoterapia responde a estes três quesitos: possui seu próprio saber, sua própria prática e conta com profissionais qualificados.

Os trabalhos vêm a bastante tempo provando com dados o conhecimento teórico, as técnicas e métodos construídos a partir da sistematização da prática clínica. Que a profissão do Musicoterapeuta possui uma identidade própria, com um papel específico, sem substituição. Assim o profissional da Musicoterapia possui sua formação e identidade profissional única e singular.

Na Revista Brasileira de Musicoterapia ano XI, número nove de 2009, encontra-se um artigo de Santos; Ribeiro Pedro (2009) sobre a invenção da profissão de Musicoterapia com base nas teorias de Bruno Latour e suas redes sócio técnicas, o título é: Musicoterapia em Ação: Primeiros Movimentos da Invenção de uma Profissão. Os autores questionam como o coletivo produz a emergência de uma profissão, partindo do projeto de lei 0025/2005, mapeando os aspectos das disputas que formam o coletivo da Musicoterapia. Também expõem a discussão de “categoria”, “classes” e/ou “profissão”, como atualmente definem.

Na Tese Contemporaneidades e Produção de Conhecimento: A Invenção da Profissão de Musicoterapeuta, de Santos (2011), o mesmo citado no artigo em conjunto com Ribeiro Pedro (2009), nota-se um caminho que vai desde a história da Musicoterapia na sua inserção no Brasil até hoje, passando pela discussão da formação, dos saberes, da ciência e da regulamentação.

O autor em seu artigo derivado de sua tese e também intitulado, “A Invenção Da Profissão Do Musicoterapeuta”, trata da emergência da Musicoterapia em espaços psicossociais como a saúde e a educação e levantando a questão das regulamentações de profissões, com interesse de analisar as controvérsias das produções coletivas de redes sócio técnicas, recorrendo aos Estudos de Ciência e Tecnologia (ETC), principal discussão elaborada no artigo.

Existem também duas monografias mais atuais e uma já escrita há dez anos, que tratam diretamente da regulamentação da profissão da Musicoterapia, a primeira e mais atual é o trabalho feito em 2010, Regulamentação Profissional do Musicoterapeuta - Revendo o Projeto de Lei nº 4.827/2001, de Bergamini (2010). A autora faz uma breve revisão histórica da Musicoterapia, expõe sucintamente o processo de regulamentação profissional no Brasil e prioritariamente faz uma análise do projeto de lei nº 4.827 de 2001 que foi vetado em 2008 pelo Presidente da República, Bergamini analisa a situação com referência aos pareceres dos parlamentares que rejeitaram o projeto e do veto ocorrido.

A segunda é a monografia de Freire (2007), a Regulamentação Profissional do Musicoterapeuta, nela ela trata de questionar as possíveis causas que contribuem para a demora dessa regulamentação, traz cinco projetos de lei elaborados, todas as instâncias e procedimentos ocorridos em busca da aprovação. Também explora entrevistas com três profissionais de carreiras consagradas e muita história, reconhecidos e respeitados na Musicoterapia. Busca refletir sobre o processo pelo âmbito da constituição federal, dos Musicoterapeutas e da população civil, com uma revisão bibliográfica e pesquisa de campo qualitativa.

A monografia ainda aponta alguns aspectos relevantes para a pouca visibilidade do Musicoterapeuta, como a lentidão dos processos legislativos no

Brasil, a exigência do interesse público, a reprovação política a uma reserva de mercado, a falta de apoio social e mobilização social.

E o último TCC, A Regulamentação da Profissão do Musicoterapeuta de Joucoski (2004), serviu de principal referência aos dois já comentados por ter sido elaborado em 2004, este é um trabalho mais completo e precursor do estudo da regulamentação da Musicoterapia no Brasil, porém um pouco desatualizado devido aos onze anos que possui. Trata de inserir a discussão e a relevância do processo de regulamentação junto às condições e implicações da não aprovação, estabelecendo questionamentos. Também faz um levantamento de todos os projetos elaborados até aquela época junto dos Musicoterapeutas de Curitiba-PR, aplicando questionários elaborados e coletando dados sobre a não regulamentação e sua prática profissional. Concluindo, a autora aponta as contradições que acontecem com o impedimento da aprovação da regulamentação.

Portanto, a proposta da pesquisa apresentando uma interlocução entre a Musicoterapia e o estudo de identidade no âmbito da Psicologia Social, a elaboração e a discussão sobre a literatura de referência tem como resultado um levantamento muito pequeno de pesquisas que trabalham as duas temáticas de maneira conjunta, com pressupostos teóricos próximos um dos outros e obras que tratam do assunto diretamente.

O que tenho encontrado nas pesquisas em relação à identidade do Musicoterapeuta são trabalhos que procuram de certa forma definir uma identidade única, específica e singular no papel profissional, apontando para um enquadramento de papel coletivo da identidade neste aspecto profissional.

1.1 História e Formação no Contexto Brasileiro

De modo geral no cotidiano da vida social, o homem se utiliza da música primordialmente com objetivos de entretenimento, quando não em âmbitos motivacionais/esportivos, religiosos ou profissionais. Geralmente é difícil para parte dos seres humanos, dentre aspectos sociais e culturais, um pensamento em comum da música no mundo moderno como possibilidade terapêutica e que tenha uma atuação profissional e legitimada.

A Musicoterapia como formação foi surgir mesmo no final da segunda guerra mundial nos Estados Unidos, após médicos começarem a notar resultados progressivos e evolutivos de veteranos de guerra, que passavam por sessões onde escutavam músicas nos hospitais. No Brasil a formação acadêmica credenciada pelo Conselho Federal de Educação, surge somente a no final da década de 1960 e começo de 1970, na Faculdade de Educação Musical do Paraná, (atual FAP) e pelo Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro com os cursos de pós-graduação e de graduação.

Porém muito antes do primeiro curso de Musicoterapia ser inaugurado, ela surgia em meio à educação musical e instituições psiquiátricas.

Em 1948, foi formado um curso de educação musical especial no conservatório Brasileiro de Música (CBM), no Rio de Janeiro, semelhante ao curso de educadores especiais de música na Argentina, surgindo na mesma época... Na década de 50, já havia registros de trabalhos com música em escolas regulares e de educação especial, que foram se desenvolvendo e, mais tarde, ganharam o nome de Musicoterapia. Poucos anos depois do surgimento da profissão, na década de 60, havia trabalhos com música em hospitais e instituições psiquiátricas também no sul do Brasil. (BERGAMINI. 2010, p. 15).

Em 1968 associações de Musicoterapia começaram a ser criadas, a associação do Rio de Janeiro (AMT-RJ) e a associação do Rio Grande do Sul (AMT-RS), foram as primeiras, em 1969 a Faculdades de Artes do Paraná, (FAP) lança um curso de especialização em Musicoterapia na Pós-graduação para educadores de música, em 1971 se cria a associação de Musicoterapia do Paraná, (AMT-PR). Assim por diante começa a crescer o número, em 1978 já após o curso de graduação existir, surge a associação de Musicoterapia de Minas Gerais, (AMT-MG) e as associações de Musicoterapia de São Paulo (AMT-SP) e (APEMESP), sendo a primeira já extinta e a segunda em efetivo funcionamento.

Nos anos 80, cabe ressaltar a criação de novos cursos de graduação em diversas cidades brasileiras, tais como São Paulo e Salvador. Na mesma época se pode perceber um movimento de unificação da Musicoterapia no país, por meio da comunicação entre as associações de vários Estados da Federação, envolvendo discussões acerca da regulamentação

e sobre a criação de uma Federação das Associações de Musicoterapia no Brasil.... (BERGAMINI. 2010, p. 16).

No final da década de oitenta foi criada a Associação Catarinense de Musicoterapia, (ACAMT), na década de noventa foram criadas as Associações de Goiânia, (SGMT), da Bahia, (ASBAMT), de Ribeirão Preto, (AMURP), do Rio Grande do Norte, (AMTERN) e a gaúcha, (AGAMUSI), cursos em Goiânia, Ribeirão Preto e São Paulo também foram criados. Em outubro de 1995 na capital São Paulo foi fundada a (UBAM), União Brasileira de Associações de Musicoterapia que é responsável por quase todos os eventos nacionais. Já na década de 2000 foi criada a Associação de Musicoterapia do Estado de Minas Gerais, (AMEMG).

Também vale ressaltar o levantamento dos cursos e faculdades de Musicoterapia que surgiram ao longo destas cinco décadas, desta forma, no Brasil foram criados os cursos no: Conservatório Brasileiro de Música (CBM) no Rio De Janeiro, Faculdades de Arte do Paraná (FAP), Faculdade Paulista de Artes (FPA) em São Paulo não existente atualmente, Instituto Superior de Música São Leopoldo no Rio grande do Sul, Faculdade Carlos Gomes em São Paulo, FEEVALE no Rio Grande do Sul, Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), Universidade Católica de Salvador (UCSAL), Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) em São Paulo, Universidade Federal de Pelotas no Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Humanas de Olinda em Pernambuco, Universidade Federal do Piauí, (UFPI) e Universidade de Santo Amaro, (UNISA) em São Paulo.

Vale ressaltar também a existência da Revista Brasileira de Musicoterapia, (RBM), organizada pela UBAM e das revistas acadêmicas da Universidade da FAP destacando o periódico (InCantare).

1.2 Profissão / Atuação

Nesta altura do texto o enfoque da discussão passa ser a questão de conteúdo teórico / epistemológico / metodológico da profissão, conforme já

exposto um breve histórico de aspectos políticos, de formação e de identidade, levantando os trabalhos que discutem a profissão. Logo abaixo, será exposto uma caracterização bem organizada e muito rica para a compreensão do que é a Musicoterapia, a concepção defendida por Bruscia (2000), um autor muito respeitado e legitimado na ciência acadêmica da Musicoterapia.

A Musicoterapia não é simplesmente a utilização da música, mas a utilização de experiências musicais. As implicações de adicionar “experiência” à “música” são sutis, porém importantes. Isto significa que o agente da terapia não é visto apenas como sendo a música (isto é, um objeto externo ao cliente), mas principalmente a experiência do cliente com a música (isto é, a interação entre pessoa, processo, produto e contexto). Portanto, o papel do Musicoterapeuta vai além de prescrever e ministrar a música mais apropriada; ele também envolve desenvolver a experiência do cliente com aquela música. (BRUSCIA, 2000, p. 113).

Possibilitando uma maior compreensão ao leitor, opta-se também por citar a definição adotada pela União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM), em seu site e pela Revista Brasileira de Musicoterapia Vol.1, número 2. Na qual se apresentam a definição de Musicoterapia oficial no país, elaborada e utilizada pela Federação Mundial de Musicoterapia de 1996.

Musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos (ritmo, com, melodia e harmonia), por um Musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, em um processo destinado a facilitar e promover comunicação, relacionamento, aprendizado, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, a fim de atender às necessidades físicas, mentais, sociais e cognitivas. A Musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ ou restabelecer funções do indivíduo para que ele / ela possa alcançar uma melhor integração intra e / ou interpessoal e, em consequência, uma melhor qualidade de vida, pela prevenção, reabilitação ou tratamento. (FEDERAÇÃO MUNDIAL DE MUSICOTERAPIA, 1996).

Dentre as várias abordagens e métodos em Musicoterapia, tanto curativas como preventivas, é possível trabalhar com o desenvolvimento de capacidades como: motoras, afetivas, mentais, sensoriais, cognitivas, criadoras, culturais e mecanismos de subjetividade, interação social, união,

expressão, comunicação, visão da música como linguagem, multiplicidade, internalização de valores, formação de auto-estima, formação de auto-imagem e identidade.

Longe de objetivar o ensino de música, a sessão em Musicoterapia representa o trabalho do terapeuta com as expressões sonoro-musicais, utilizando desde expressões corporais até toda produção e recepção de sons que para o paciente seja música ou se transforme nela. “Temos nesse sentido a música como meio e não como fim.” (SAMPAIO, 2005, p. 17).

A abordagem da Musicoterapia receptiva também nos permite como profissionais trabalhar com a audição intelectual na música, fazendo com que ela deixe de ter efeitos somente de entretenimento ou de plano de fundo, passando portanto a ter efeitos primários. Com base nos conceitos de audição intelectual e audição sensorial de Carrasco (1993), Brabo (2003) explica em sua dissertação de mestrado como se utiliza destes conceitos definindo a audição intelectual como “aquela que catalisa a nossa atenção para o discurso musical, permitindo ao ouvinte perceber e decodificar os aspectos morfológicos e estéticos inerentes à música, caso em que é observada como plano principal.” (BRABO, 2003, p.2).

Não necessariamente o paciente precisa estar utilizando sua audição intelectual para conseguir trabalhar terapeuticamente sua necessidade, porém a maior atenção e concentração em uma sessão de Musicoterapia receptiva possibilita um processo direto, dinâmico e muito efetivo.

Por ser receptiva ela tem como objetivos: estimular ou relaxar, desenvolver habilidades áudio-motoras, acessar estados de experiências afetivas, trabalhar com a memória, evocar imaginação e explorar temas terapêutico dentre outros.

Já na abordagem em Musicoterapia interativa um dos principais mecanismos de trabalho e fundamentação teórica, é a utilização da criatividade no processo terapêutico. O trabalho também se caracteriza no vínculo, na interatividade musical e corporal, no sentido de atividade, promove a atividade na troca terapeuta-paciente mediada pela música, a terapia é não-verbal, pois a linguagem musical é uma linguagem que possui significados assim como a linguagem gestual (física/corporal), ou oral (palavras).

Existem várias vertentes ou ‘escolas’ de Musicoterapia, com abordagens diferentes, tanto na parte metodológica quanto na fundamentação teórica. Dentre muitas, as que mais se destacam são: a Abordagem da Musicoterapia Criativa de Nordoff Robbins, a Musicoterapia Analítica de Mary Priestley, o método de Imagem Guiada com Música (GIM) criado por Helen Bonny, a produção teórica de Kenneth Bruscia e seus métodos de Musicoterapia e improvisação e pôr fim a Musicoterapia interativa não verbal e o ISO (Identidade Sonora) de Rolando Benenzon.

Um dos principais objetivos do Musicoterapeuta com abordagem fundamentada na teoria de Benenzon (1988), é o trabalho com o ISO (Identidade Sonora). Dentre as importantes contribuições e ideias elaboradas pela Musicoterapia, o ISO pela perspectiva e olhar da Psicologia Social é a principal, pois desde o início de nossa socialização, a produção de sons e estímulos sonoros ao nosso redor está presente de maneira constante e como a todo momento de nosso desenvolvimento estamos em contato com estes estímulos, é necessário considerá-los parte de nossa identidade social, assim Benenzon (1988) vai resgatar o conceito de ISO e fundamentá-lo no trabalho terapêutico. Para ele ISO é:

Um conceito totalmente dinâmico que resume a noção de existência de um som, ou um conjunto de sons, ou de fenômenos acústicos e de movimentos internos, que caracterizam ou individualizam cada ser humano. (BENZON 1988, p. 35).

A composição do ISO está diretamente ligada ao nosso meio sócio-histórico e a cultura que pertencemos, ele acontece a partir da vivência de diferentes tipos de sons e sonoridades, como o som da natureza, sons urbanos, dos instrumentos musicais, do corpo humano (do organismo), de aparelhos eletrônicos, vibrações internas e externas, o silêncio e outros mais. O ISO está presente no ser humano desde muito cedo, iniciando-se no desenvolvimento biológico intrauterino, centralizado na relação mãe-bebê. Todas as vivências sonoras internas do organismo já fazem parte da constituição do ISO, que continua a ser vivenciado em um perpétuo movimento após o nascimento e durante a socialização.

Ao reelaborar o conceito de ISO originalmente criado e fundamentado por um autor chamado Altshuler⁵ em meados do século passado, Benenzon (1988) nos apresenta cinco tipos de ISO, o ISO gestáltico, o cultural, o grupal, o universal e o complementar.

No caso, destaca-se o ISO gestáltico, por exercer uma importância fundamental já que traça um paralelo com a teoria da Gestalt⁶ em Psicologia, ao trabalhar o ISO gestáltico se trabalha o ser humano como um todo e não fragmentado.

Pelo fato do Musicoterapia ser “uma combinação dinâmica de muitas disciplinas em torno de duas áreas: música e terapia.” (BRUSCIA, 2000, p.8.), a atuação se torna ampla e muito diversa, existem muitas disciplinas estudadas como: Musicologia, História da Música, Etnomusicologia, Teorias Musicais, Educação Musical, Educação Especial, Psicologia, Fonoaudiologia, Psicoacústica, dentre muitas outras, além do Musicoterapeuta normalmente atuar junto a uma equipe multidisciplinar, como psiquiatras, médicos e outros profissionais da saúde.

Quando se fala em campo de atuação específico o Musicoterapeuta se apodera de uma identidade profissional específica, onde irá atuar em diversas situações diferentes que demandam a formação específica. Tanto na parte de prevenção como reabilitação ele pode ter como campo, hospitais, hospitais de saúde mental, clínicas, instituições de reabilitação de deficientes físicos/mentais, asilos de idosos, creches e instituições de maternidade/pré-natal, com pacientes em estágios terminais, instituições e centros de geriatria e gerontologia, instituições de dependentes químicos. Seguindo este contexto de valorização e regulamentação da profissão, é importante ressaltar que já existem concursos públicos para cargos de Musicoterapeuta inclusive no SUS/SUAS.

⁵ Princípio de ISO em Altshuler diferente de Identidade Sonora (ISO) em Benenzon.

⁶ A teoria da Gestalt que não possui uma tradução do alemão para o português melhor do que a Teoria da Forma, busca uma transformação de nossa realidade interna para que possamos conseguir o equilíbrio através de nossa consciência. A intenção é transformar nossa percepção e a maneira como agimos no mundo através de valores e conceitos que nos foram dados, como uma espécie de figura e fundo, aprendendo a lidar com a percepção externa e a interna, agindo no aqui e agora, o importante é lidar com o presente, resignificando a cada momento a vida e o homem no mundo, partindo do princípio da auto regulação que Pears conceitua como Homeostase e de conceitos de doutrinas Holísticas e do Zen, um dos principais pressupostos da Gestalt é o trabalho mente/corpo.

1.3 Regulamentação / Legitimação

O Processo de regulamentação profissional é um processo legislativo ordinário, o que quer dizer que sua aprovação se dá por maioria simples, (Constituição Federal, Artigo 47) das Casas Legislativas, ou seja, contagem pelo número de parlamentares presentes. Em tais casos, o projeto de lei passa por três fases para ser aprovado: fase introdutória, fase constitutiva e fase complementar. Nessas etapas o projeto de lei deve passar pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal, tendo um deles como Casa iniciadora e o outro como Casa revisora. Após passar pelas duas casas o projeto de lei passa pelo Poder executivo, recebendo a avaliação do Presidente da República que pode vetar o projeto, ou sancioná-lo. (BERGAMINI. 2010, p.18).

Na história já tramitaram cinco projetos de lei (com algumas modificações elaboradas) para a regulamentação da Musicoterapia como prática profissional, porém por volta dos anos de 2008/2009 o Projeto de Lei foi vetado pela ultima vez, e inalterado desde então, continuando a prática sem regulamentação.

“Uma regulamentação visa à legalização e desse modo, regulamentar uma profissão consiste em delimitar um campo de exercício profissional, isto é, estabelecer atribuições a determinados profissionais, dizendo o que os autoriza a isso.” (FREIRE 2007, p.31.).

A realidade estatística de profissionais atuando na Musicoterapia é muito pequena, existem dificuldades em ocupar lugares entre os serviços de saúde, tanto no setor privado quanto no setor público. Apresentando uma baixa procura de serviços em comparação com outros tipos de tratamentos terapêuticos, resultando na falta de apoio, falta de visibilidade e falta de espaço, com poucas ocupações em cargos públicos e em instituições privadas. Existe a demanda, mas pouco reconhecimento profissional e que financie sua oferta, ou seja, que contrate o serviço.

Para muitos, ela passa despercebida e por incrível que pareça, ainda há pessoas que não a conhecem ou mal sabem do que se trata, muito menos tem o conhecimento do seu

poder e de sua força, que contribui sistemática e significativamente no processo integral e terapêutico do desenvolvimento do ser humano, mesmo ela já estando há anos no mercado de trabalho. (JOUCOSKI, 2004, p.1).

O que nos interessa compreender não é se essa situação se deve à falta de uma regulamentação ou não, mas sim qual a relação que a legitimidade da profissão possui no reconhecimento do Musicoterapeuta.

A legitimação “explica” a ordem institucional outorgando validade cognoscitiva a seus significados objetivados. A legitimação justifica a ordem institucional dando dignidade normativa a seus imperativos práticos. É importante compreender que a legitimação tem um elemento cognoscitivo assim como um elemento normativo. Em outras palavras, a legitimação não é apenas uma questão de “valores”. Sempre implica também “conhecimento”. Por exemplo, uma estrutura de parentesco não é legitimada simplesmente pela ética de seus particulares tabu do incesto. É preciso primeiro haver “conhecimento” dos papéis que definem tanto as ações “certas” quanto as “erradas”, no interior da estrutura. (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 124).

Cabe uma reflexão sobre a situação entre legitimidade e regulamentação para o avanço desta profissão, como faz Freire (2007) em sua monografia discutindo o reconhecimento da profissão mesmo sem a regulamentação.

A própria palavra profissão tem sua origem na ação de professar, a qual pode ser definida como reconhecer publicamente (HOUAISS, 2001). Cabe refletir neste tocante que o fato de alguma ocupação ser considerada profissão está mais ligado ao reconhecimento público do que à sua constatação pelo regulamento estatal. No caso da Musicoterapia, por exemplo, não há dúvidas de que consiste em uma profissão, mesmo seu exercício não sendo normatizado juridicamente. (FREIRE, 2007, p.31.).

Questões que nos interessam refletir como: quanto importante é o reconhecimento positivo da profissão em âmbito social e terapêutico, se é considerado legítimo, através do progresso e da afirmação da identidade profissional? É possível considerá-la reconhecida mesmo sem constatação de

regulamento em lei pelo estado? Alguns motivos dão respaldo para discutirmos essas questões, porém dentre muitos, somente dois motivos são suficientes e necessários no momento.

O primeiro motivo advém do fato que, esta profissão que luta pelo reconhecimento e confirmação positiva na sociedade, possui uma carga de inúmeros trabalhos e pesquisas científicas publicadas, provando a eficácia teórica/metodológica da Musicoterapia e também da atuação profissional na sociedade moderna e na realidade cotidiana. Tanto no exterior como no Brasil, em qualquer lugar que possibilite a pesquisa, desde periódicos a bibliotecas é possível achar e acessar inúmeros artigos, dissertações, teses e vários tipos de publicações científicas, contrariando as posições que não consideram o crescimento acadêmico na área da Musicoterapia, ou até mesmo surpreendendo quem realmente ainda não ouviu falar de Musicoterapia.

Além disso, existem no Brasil, pelo menos, oito instituições de ensino superior que formam bacharéis em Musicoterapia. As instituições oferecem graduação na área, ocorrendo também formação em cursos de pós-graduação *lato sensu*, ou seja, de especialização. (BERGAMINI. 2010, p. 17).

E o segundo motivo é que atualmente a Musicoterapia está sendo reconhecida pelo MTE (Ministério do Trabalho e Emprego) com a inclusão na CBO (Classificação Brasileira de Ocupações). Normatizando e habilitando a distribuição de tarefas, atribuições, objetivos e atividades específicas do Musicoterapeuta, em diversos aspectos, áreas e esferas de atuação. Conquistando também a partir da inserção da nova CBO em 46 procedimentos do SUS, a inclusão do profissional Musicoterapeuta como especialista do SUAS (Sistema Único de Assistência Social), através da resolução nº17 do Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome.

Caminhando cada vez mais para um movimento de afirmação da identidade profissional, buscando o reconhecimento social positivo através da legitimidade acadêmica e da prática profissional, também buscando o reconhecimento e a confirmação do meio social-terapêutico, ocupando assim seu lugar de uma profissão terapêutica, sendo ciência ou não, sendo regulamentada ou não.

Portanto, não temos a intenção de definir a ciência nem mesmo apresentar posicionamentos sobre a questão de regulamentação, neste capítulo o objetivo foi levantar a discussão sobre a profissão Musicoterapia e a identidade deste profissional, através do que está sendo apresentado no levantamento de literatura e da história da profissão.

É preciso possibilitar e estimular a reflexão sobre o que é o reconhecimento e como é visto esse reconhecimento pelo Musicoterapeuta? Como é construído o reconhecimento e qual é a relação que ele possui para a identidade deste profissional? Qual o sentido do reconhecimento e o que o determina para o Musicoterapeuta?

Enfim, todas as questões anteriores podem se resumir em uma principal: qual a ordem do reconhecimento para a identidade do Musicoterapeuta?

Encerrando assim o capítulo com uma citação que nos clareia e esclarece o quanto o reconhecimento social não diz respeito somente a aspectos da vaidade e do narcisismo, mas sim primordialmente à nossa auto-estima, nossa identidade, nossa personalidade, nossa vida e interação social: “O reconhecimento de nosso ser e a confirmação de nosso valor são o oxigênio da existência” (TODOROV, 1996, p. 101).

Capítulo 2. A Identidade e seus Pressupostos Teóricos na Dimensão do Reconhecimento

Com base na teoria da identidade de Ciampa (2007) a discussão sobre a identidade do Musicoterapeuta se torna pertinente junto às questões de identidades coletivas e identidades individuais, que posteriormente nos levarão a pensar em termos de ‘políticas de identidade e identidades políticas’, expressão primeira elaborada por Goffman (1975) e segunda por Ciampa (2002) que serão aprofundada ao decorrer do texto.

O que nos proporciona levantar essa discussão citada acima é pensar na relação que o Musicoterapeuta tem com sua profissão, os aspectos da identidade que têm relação com o status e reconhecimento de seu papel social, mas para falarmos deste reconhecimento específico sobre o papel profissional temos de discorrer sobre o reconhecimento como um todo, em um contexto geral, ou seja, como se desenvolve e a que está atrelado o reconhecimento social.

Compreendemos que a identidade só pode ser concebida através do reconhecimento e que o processo dialético da identidade só é possível quando a identidade é constituída através de interações sociais que levam ao reconhecimento dos diferentes papéis de um indivíduo, resultando no jogo de palavras que nos levam a concluir que o reconhecimento não só faz parte da identidade como a identidade é reconhecimento.

Já de início sabemos que uma identidade determina a outra, “Toda coexistência é um reconhecimento.” (TODOROV, 1996, p. 90). Nesta dialética, através das interações sociais dizemos que a identidade como processo de reconhecimento se desenvolve primeiramente a partir do outro, do movimento de pressuposição, que gera uma identidade que será posta e que pode ou não ser reposta.

Para isto vamos pensar sobre o conceito de ‘outro generalizado’ de Mead (1973)⁷ para compreendermos como ocorre a interação do ser humano em sociedade possibilitando o início do processo de individualização, adoção e interpretação dos papéis e um reconhecimento mais elaborado.

⁷ Todas as citações diretas do livro *Espíritu, Persona y Sociedad* em Mead (1973), foram traduzidas do texto original em espanhol para o português.

Em um contexto histórico em que a Psicologia Social e o behaviorismo surgiam caminhando de certa forma juntos é possível perceber algumas ideias que se diferenciam e caracterizam determinadas ciências. “Para Wundt, a linguagem era um produto da mente, para Mead, a mente era um produto da linguagem.” (FARR, 1998, p.100).

Segundo Mead (1973) o comportamento humano tem um precedente interno próprio, assim não sendo ordenado somente pelo meio exterior, considerando então o fato de o sujeito ter capacidades de organizar e realizar suas próprias ações singulares. “O que é interno ao sujeito torna-se responsável por construir intenções em relação ao objeto e a si mesmo.” (SOUZA, 2006, p.49).

“A ideia de *ato social* é um processo dinâmico da experiência interna que, ao mesmo tempo, se constitui socialmente, exigindo a cooperação de mais de um indivíduo, sendo seu objeto social.” (SOUZA, 2006, p. 49). Caminhando então para o conceito de *interações sociais* que evoluem e se transformam depois em conceito de *papel social*. Segundo Portugal et al., (2007, p. 467), “O ato social não é o resultado de um indivíduo isolado, mas envolve sempre o outro, isto é, é uma relação, a pessoa é simultaneamente agente e objeto neste processo”. Este ato possui um momento externo e uma fase interna considerando o agente social como intérprete do mundo em uma perspectiva processual.

Mead (1973) explorou os estudos no âmbito do desenvolvimento do indivíduo na sociedade com o interacionismo simbólico, pressupondo a questão da linguagem e gestos sendo veículo de desenvolvimento na sociedade, assim formando sua consciência, a partir da linguagem e dos gestos, que são a interação do indivíduo com a sociedade e que possibilitam surgir para o indivíduo a compreensão dos sinais e símbolos, objetos de mediação em relação aos outros e ao meio. Para o autor a apropriação dos significados das palavras se transmite na reação com o “outro generalizado” formando conceitos e conduzindo formas de condutas e comportamentos adotados nas atitudes do outro.

A compreensão da teoria para o autor envolve a compreensão do processo de interação social, da linguagem e dos objetos físicos no mundo material, tornando-se elementos centrais na formação do self e na construção

das identidades sociais. Assim, o *ato social* possibilita a significação, já a linguagem é parte do processo social e das interações sociais, influenciando diretamente na construção da personalidade do sujeito.

No principal livro, *Mind Self and Society*, recentemente publicado em Português com a organização de Morris⁸, precisamente no capítulo três do livro, o autor expõe as ideias de contribuições dos jogos infantis na teoria do self social sendo de crucial importância entender como se dá a constituição do self para entendermos a concepção de sujeito.

O autor começa tratando no capítulo parte três: *La Persona/O Self*, no terceiro subtítulo falando sobre as condições sociais as quais, a *Persona/ Self* surge como objeto, como apropriação da linguagem em dois exemplos, o jogo e o esporte.

Obtendo uma organização de jogo que poderia ser comparada com o que tem lugar nos jardins de infância nos jogos das crianças, a equipe tem uma tendência a uma estrutura de relação definida. Assim forma-se uma atitude de consciência de si, essa relação encontra sua expressão na adoção do papel do outro no jogo.

Essas são as personalidades que adotam os papéis que interpretam e nessa medida dominam o desenvolvimento de sua própria personalidade. O jardim de infância trata de conseguir precisamente este resultado, toma o caráter de todos esses seres vagos e coloca-os em tais relações sociais mútuas organizadas, que levam a construir o caráter da criança (organização no período da experiência de infância na comparação com os povos primitivos). (MEAD, 1973, p. 183).

A linguagem por decorrência da interação influencia na construção da personalidade, pois quando a significação se insere no *ato social* a linguagem passa a constituir a mente e a consciência de si. Vemos então que a constituição da personalidade está diretamente relacionada com o meio social e com o meio linguístico da comunidade ou sociedade em que se está inserido.

⁸ *Mind Self and Society* foi elaborado através de aulas e seminários de Mead transcritos e organizados por seus alunos e inicialmente foi publicado em inglês, posteriormente traduzido para o espanhol com o título *Espíritu, Persona y Sociedad*, agora para o português. Aproprio-me então bibliograficamente não somente de uma única edição.

Souza (2006) em seu texto nos apresenta a ideia que Mead nos traz, sobre a conduta dos indivíduos formados nos processos sociais que aparece na forma do outro generalizado, assim a comunidade exerce seu controle no comportamento individual, sendo o processo social determinante no pensamento do indivíduo. É no pensamento abstrato que o indivíduo adota para si a atitude do outro generalizado e no pensamento concreto adota essa atitude na medida em que são expressas as atitudes para sua conduta por parte dos outros indivíduos junto com quem está envolvido na situação do *ato social* dado.

“La comunidad o grupo social organizados que proporciona al individuo su unidad de persona pueden ser llamados ‘el otro generalizado’.” (MEAD, 1973, p. 184).⁹

Então o outro generalizado pode ser tanto um indivíduo que encene uma função na sociedade, como um agrupamento social, comunidades e instituições ou os próprios objetos que relacionamos na perspectiva do mundo material. Porém o self só aparece quando o outro generalizado surge como elemento de mediação entre sociedade e indivíduo, proporcionando o processo de constituição de persona / self e das formações de identidades sociais.

É apenas por meio dessa capacidade de absorver a atitude do outro generalizado em relação a si mesmo que se pode pensar. Logo, o pensamento, para Mead, é um processo de conversação consigo mesmo, quando se assumem as atitudes comuns do grupo e quando os símbolos usados são comuns ao grupo, de modo que o sentido seja compartilhado. É um processo de comunicação decorrente da participação na experiência de outras pessoas. (SPINK, 2012, p.10).

No processo de construção social do self a importância dos jogos infantis é fundamental, pois é nele que a criança se construirá a partir da relação com o outro, primeiramente, (seu outro dublê) construindo personagens imaginários. Podendo através dos jogos a criança internalizar os papéis e organizar através deles suas funções, mediando à formação da organização do self. Há dois tipos de estágios que proporcionam a realização da consciência

⁹ Apenas esta citação foi mantida do texto original em espanhol a despeito de uma melhor interpretação do conceito ‘outro generalizado’, possibilitando uma maior compreensão do sentido posto pelo autor.

de si mesmo, o primeiro é o jogo sem regras e o segundo é o jogo com regras ou esporte.

O processo de desenvolvimento do *self* tem início a partir da capacidade da criança assumir diferentes papéis ao brincar e, a seguir, aprender tais papéis no contexto das regras de um jogo. A diferença fundamental dessas etapas é que, no contexto do jogo, a criança tem de aprender a atitude de todos que estão envolvidos nele. É assim que Mead chega à noção de “outro generalizado”. (SPINK, 2012, p.9).

“Nos jogos que antecedem as regras, a criança brinca de alguma coisa sem intenções de perceber os fins e meios pelos quais ela passa na atividade podendo modificar rapidamente os papéis encarnados”. (SOUZA, 2006, p. 51). Ela entra em uma relação de se apropriar do outro através de suas próprias atitudes, sem contato com o outro social generalizado.

Mais tarde a criança se apropria do jogo com regras, o esporte, que formam padrões de condutas e comportamentos. Quando o indivíduo internaliza a regra passa assim a agir em conjunto e não mais individualmente para atingir metas e objetivos. “Essas atitudes sociais do grupo são incorporadas no campo da experiência direta do indivíduo incluídas como elemento na estrutura da constituição de sua personalidade.” (MEAD, 1973, p. 188).

Esta fase traz grandes mudanças no modo das crianças realizarem suas experiências: elas já não conversam mais consigo mesmas e começam a desempenhar papéis mais fixos. A partir especialmente da aquisição da fala, é que a criança irá gradualmente dominando o processo de apropriação da atitude do outro. E o jogo com regras implica essa apropriação da atitude de todos os participantes de forma organizada, até chegar ao ponto em que todos assimilem as regras, organizando para si o outro como um outro generalizado. (SOUZA, 2006, p.51).

Segundo Mead (1973) é através do esporte que surge uma personalidade organizada, na medida em que a criança adota a atitude do outro e permite que essa atitude do outro seja determinante sobre o que fará a um objetivo em comum, assim se tornando um membro da sociedade se

incorporando a moral desta sociedade, o que vai acontecer no esporte vai ocorrer continuamente na vida da criança em comunidade, o entendimento da função desta forma de processo abstrato, do jogo ao esporte passa a ter um sentido real.

A diferença fundamental que existe entre o esporte e o jogo é que, no primeiro a criança tem que ter a atitude de todos os demais que estão envolvidos no mesmo jogo. As atitudes das demais jogadas que cada participante deve assumir se organiza em uma espécie de unidade e é precisamente a organização que se encontra na relação do indivíduo. Usamos o exemplo de uma pessoa jogando beisebol, cada um de seus próprios atos são determinados por uma expectativa das ações dos outros que estão jogando. Temos então um outro que é uma organização das atitudes que estão envolvidas no mesmo processo. (MEAD, 1973, p. 183/184).

No esporte, existe uma maior complexidade no processo de organização do self social, porque ele não mais se relaciona com seu outro ‘fantasiado’, um duplê, mas com seu outro organizado e generalizado, papéis que são adotados, internalizando sua função e relação com o meio.

A personalidade chega a um pleno desenvolvimento organizado dessas atitudes individuais dos outros em atitudes organizadas sociais ou do grupo e desta maneira se converte a um reflexo individual do esquema sistemático geral da conduta social do grupo em que ela e os outros estão envolvidos (MEAD, 1973, p. 188).

E somente quando o homem internaliza conscientemente o mundo exterior é que ele consegue a consciência de si, no outro, constituindo o *diálogo interiorizado*.

O que Mead quer demonstrar, então, é que a evolução da “mente”, assim como a das instituições sociais, é uma evolução social, o que possibilita a complexidade das soluções encontradas nas sociedades de humanos. Em síntese, embora as teorizações de Mead tenham por foco os processos, ele considera não ser possível ter processos sem alguma estrutura, ou seja, sem uma forma na qual o processo possa se expressar. Evolução da mente, no plano biológico e evolução social andam de par em par. (SPINK, 2012, p.10).

Mead traz a ideia de que o self não consiste somente e simplesmente nas organizações das atitudes sociais, mas também das facetas do “eu” e do “mim” que se referem ao significado se distinguindo do ponto de vista da conduta em si. “O “eu” reage ao self que surge em decorrência de adotar as atitudes dos outros, ao adotar essas atitudes, introduzimos o “mim” e reagimos a ele com um “eu”. (MEAD. In: MORRIS (org.) 2010, p.192).

Assim:

“O *self* é menos uma substância e mais um processo em que o diálogo de gestos foi internalizado por uma forma orgânica. Esse processo não existe por si só. Trata-se simplesmente, de uma fase de toda organização social da qual o indivíduo faz parte. A organização do *ato social* foi importada pelo organismo e se torna, então, a mente do indivíduo. Ainda inclui as atitudes dos outros, mas agora altamente organizadas, de modo que se tornam o que chamamos de atitudes sociais, em vez de os papéis de indivíduos separados. Esse processo em que a pessoa relaciona seu próprio organismo com os outros, nas interações que estão em andamento, na medida em que é importado pela conduta do indivíduo com o diálogo do “eu” e do “mim”, constitui o *self*.”. (MEAD. In: MORRIS (org.) 2010, p.197).

O interacionismo simbólico e as ideias de Mead (1973) impossibilitam que o conceito de self seja usado de maneira simplificada como sinônimo ou equivalente à palavra “eu”, “ego” ou “personalidade”, o conceito de self é muito mais complexo, pois engloba “a consciência de si” possibilitada pelas interações e relações do indivíduo com o meio externo e com ele próprio.

A comunicação é crucial no desenvolvimento do self, o que Mead (1973) chama de linguagem gestual simbólica nos fornece condições de representarmos alguns pensamentos e sentimentos mas não sua totalidade. Só usamos dessa totalidade quando acessamos a nossa comunicação interna. São processos de interações psicossociais, com uma característica dialética apresentada pelo self dele ser sujeito e objeto para si.

O self é um constructo complexo e difícil de se entender, é um conceito de várias facetas que abrange todo o universo do indivíduo e suas relações, interações e representações sociais.

A identidade é um conceito que representa parte do processo do self, mas que possui perspectivas teóricas amplas e diferentes, sendo de fundamental importância então a compreensão das ideias sobre o interacionismo e os pressupostos dos conceitos de mente, Self e sociedade, de Mead (1973) para o estudo da Identidade e reconhecimento, servindo de matéria para muitas outras obras e autores como Habermas (1983) e Honneth (2003).

Assim para discorrermos sobre a relação que a constituição da identidade pessoal possui em interlocução com a identidade profissional, precisamos abordar algumas perspectivas teóricas mais a fundo, que nos possibilitem caminhos para a compreensão do profissional Musicoterapeuta e o que gira em torno de sua identidade no âmbito do trabalho, aprofundando o sentido que este possui na vida do indivíduo.

Visto o raciocínio sobre a relação do conceito de outro generalizado com o reconhecimento dos papéis, possibilitando o movimento da adoção e execução dos papéis e desenvolvendo a individualização, podemos aprimorar a questão do personagem e discorrer sobre os conceitos de Identidade coletiva e Identidade individual. Sendo importante expor alguns pressupostos mais diretos sobre as ideias de Habermas (1983) quanto à identidade do Papel e a identidade do EU para compreender como são as políticas de identidade e as identidades políticas para chegarmos a determinada reflexão, estabelecendo a relação entre estes conceitos acima e o reconhecimento e estima social fundamentados e trabalhados por Honneth (2003).

Dando continuidade a partir da ideia do outro generalizado, Habermas nos traz o seguinte:

Tão logo a criança aprende a interpretar papéis sociais, isto é, a tomar parte em interações como membro competente, seu universo simbólico não consiste mais apenas de ações que expressam intenções singulares (como, por exemplo, desejos ou satisfações de desejos), mas ela pode agora entender as ações como realização de expectativas de comportamento generalizadas no tempo (ou como infrações das mesmas). Quando, finalmente o jovem aprende a questionar a validade

de normas de ação e de papéis sociais, o setor de seu universo simbólico volta a se ampliar: emergem agora princípios segundo os quais podem ser julgadas as normas em conflito recíproco. (HABERMAS 1983, p.59).

O processo de socialização que está diretamente relacionado ao universo simbólico, leva ao processo de individualização da identidade quando a criança começa a interpretar papéis sociais e obter consciência de suas funções ao se deparar com a normatividade social.

A criança se torna pessoa somente na medida em que aprende a se localizar em seu mundo social de vida. Quando a criança incorpora as universalidades simbólicas dos papéis menos fundamentais de seu ambiente familiar e, mais tarde, as normas de ação de grupos mais amplos, a *identidade natural* acoplada a seu organismo é substituída por uma identidade constituída por papéis e mediatizada simbolicamente. A continuidade devida á identidade baseada em papéis apoia-se, então, na estabilidade das expectativas comportamentais que através do ideal do EU, terminam por se fixar na própria pessoa. (HABERMAS 1983, p. 79).

A identidade do Eu depende naturalmente de determinadas premissas cognoscitivas, mas não é uma determinação do EU epistêmico, consistindo antes numa competência que se forma em interações sociais. A identidade é gerada pela socialização, ou seja, vai-se processando a medida que o sujeito – apropriando-se dos universos simbólicos – integra-se, antes de mais nada, num certo sistema social, ao passo que, mais tarde, ela é garantida e desenvolvida pela individualização, ou seja, precisamente por uma crescente independência com relação aos sistemas sociais. (HABERMAS 1983, p. 54).

A identidade do Eu e a identidade do Papel são constituídas em um processo dialético através das dimensões de relação do indivíduo com a objetividade da natureza, a subjetividade do próprio indivíduo, a intersubjetividade das relações e a normatividade social.

“O indivíduo pode se referir a si mesmo através da reflexão, já que entra em comunicação com um outro EU, de modo tal que ambos podem conhecer-se e reconhecer-se reciprocamente como EUS.” (HABERMAS 1983, p. 79).

Habermas compreende que o:

O conceito de identidade do Eu não tem evidentemente um sentido apenas descritivo. Ele indica uma organização simbólica do Eu, que, por um lado, reclama para si exemplaridade universal, sendo situada nas estruturas dos processos formativos em geral e tornando possíveis soluções ótimas para os problemas da ação, os quais reaparecem invariavelmente nas diversas culturas: e, por outro lado, uma organização autônoma do Eu não se instaura absolutamente de modo regular, quase como um resultado de processos naturais de amadurecimento, mas termina por ser, na maioria dos casos, um objeto não alcançado. (HABERMAS 1983, p. 50).

Habermas isolando a consciência moral como um aspecto do desenvolvimento do EU, nos aponta.

... A identidade do Eu não requer apenas o domínio cognoscitivo de níveis universais de comunicação, mas também a inserção dos próprios carecimentos nessas estruturas comunicativas: enquanto Eu se isola de sua natureza interna e nega a dependência a carecimentos que ainda esperam ser adequadamente interpretados, a liberdade - por mais que possa ser guiada por princípios - não é livre com relação aos sistemas normativos existentes. (HABERMAS, 1983, p. 55).

Assim “Na identidade do EU se expressa a relação paradoxal pela qual o EU, como uma pessoa em geral, é igual a todas as outras pessoas, ao passo que - enquanto indivíduo - é diverso de todos os demais indivíduos.” (HABERMAS 1983, p. 69). Podendo então construir uma biografia peculiar/autêntica com novas identidades conjuntas a identidades anteriores, formando uma organização particular que possui aspectos singulares e universais. A questão da identidade profissional singular de cada indivíduo, está diretamente relacionada ao desenvolvimento da particularidade da identidade do EU com a universalidade da identidade do Papel.

Assim refletindo sobre a identidade profissional, ao produzir um trabalho o homem produz uma ação que nos diferencia como homens do resto do mundo.

O trabalho socialmente organizado é a forma específica pela qual os homens, diferentemente dos animais, reproduzem suas

vidas: 'Podem-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião, por tudo o que quiser; mas eles começaram a distinguir-se dos animais quando começaram a produzir os seus meios de subsistência, um progresso que é condicionado pela sua organização física. Produzindo os seus meios de subsistência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material'. (HABERMAS 1983, p.112 apud Marx-Engels, 1845, p 21).

Nesta ação, quando exercemos uma categoria em comum (uma profissão igual), temos uma atividade coletiva em comum, ou seja, uma identidade coletiva. Essa identidade coletiva pode ser relacionada a uma identidade do Papel.

Ao objetivar a identidade no âmbito profissional, pensamos na questão da identidade coletiva como uma identidade que possui aspectos a serem compartilhados na dimensão de padrões similares, todos os indivíduos que possuem uma identidade profissional (coletiva) dentro da mesma categoria exercem a “mesma função” normativa em relação ao meio social, ou seja, no caso do objeto estudado, os Musicoterapeutas exercem a “mesma função”, a de ser Musicoterapeuta no seu sentido profissional, possuem objetivos, metas, técnicas, procedimentos, ações etc., em comum estipuladas pela normatividade social. Por isso ao se falar em identidade coletiva em relação à ação profissional do indivíduo, temos que falar em reconhecimento de papéis, status, estima e normas sociais.

São as lutas moralmente motivadas de grupos sociais, sua tentativa coletiva de estabelecer institucional e culturalmente formas ampliadas de reconhecimento recíproco, aquilo por meio do qual vem se realizar a transformação normativamente gerida das sociedades. (HONNETH 2003, p. 156).

A questão que nos estimula a refletir é que, apesar de um indivíduo ter em comum com outro a mesma profissão, ele é único e singular, fazendo de algo geral algo que é dele, constituindo também no sentido da ação e da prática profissional características particulares em sua identidade pessoal, que estão ligadas à sua subjetividade e às suas relações de intersubjetividade perante a objetividade da natureza e a normatividade no meio social. O que

também nos importa compreender é como ocorre o processo da individualização da identidade do papel em relação ao reconhecimento a nível coletivo e a relação da estima da identidade do Eu em relação ao reconhecimento individual.

Voltando um pouco a pensar na identidade coletiva agora no âmbito do conceito de uma política de identidade de um grupo, podemos considerar:

Grupos sociais lutam pela afirmação e pelo desenvolvimento de suas identidades coletivas, no esforço, de controlar as condições de vida de seus membros; indivíduos buscam a transformação e o reconhecimento de suas identidades pessoais na tentativa de resolver conflitos em face de expectativas sociais conflitantes. A questão das políticas de identidade de grupos envolve a discussão sobre autonomia (ou não), que se transforma para indivíduos em indagações sobre autenticidade (ou não) de identidades políticas, talvez refletindo duas visões opostas, dependendo de se colocar ênfase na igualdade - uma sociedade centrada no estado - ou na liberdade - uma sociedade composta de indivíduos. (CIAMPA, 2002, p.1).

Dessa forma políticas de identidade dizem respeito a um grupo e suas relações em comum, as ações e os objetivos que o coletivo possui, refletem consequentemente nos membros desse coletivo. “Nessa concepção, as políticas de identidade passam pelo reconhecimento social de forma generalizada, influenciando a vida e as relações de grupos e indivíduos”. (DECOME POKER, 2014, p. 83).

As políticas de identidade procuram motivar os indivíduos para atenderem às necessidades e exigências de integração social e de acomodação à normatividade vigente, possibilitando que projetos individuais e particulares sejam elaborados segundo os parâmetros socialmente estabelecidos. (ALMEIDA p. 132).

Ou seja, são ações, movimentos sociais e políticos que em dimensões universais visam transformar ou preservar interesses coletivos de modelos identitários, vinculados a aspectos de ideologias, status, posições e interesses sociais. Nelas podem emergir aspectos tanto regulatórios podendo servir de instrumentos de repressão e dominação, como emancipatórios por grupos com

históricos de exclusão através da requisição e reivindicação do reconhecimento.

O reconhecimento social para fins regulatórios com caráter ideológico tem por pressuposto a valorização de pessoas ou grupos pela submissão dos seus papéis. (DECOME POKER, 2014, p. 80).

Já os aspectos emancipatórios estão relacionados às reivindicações seguidas pela luta por reconhecimento social ou dos seus direitos. Os protestos e atividades se situam na busca de alternativas para os rótulos que são imputados às suas condições, colocando alguns grupos em desvantagem em relação a outros. (DECOME POKER, 2014, p. 80).

Quanto aos grupos excluídos ou em desvantagem em relações de reconhecimento dos direitos em âmbitos da hierarquia social, é evidente que a busca pela mudança do significado coletivo socialmente atribuído a condição e ao status que se ocupa, é uma luta pelo reconhecimento do papel que ocupa essa condição deste grupo em relação à sociedade.

As políticas de identidade se configuram pela busca da afirmação e reconhecimento da identidade de grupos que estão principalmente na condição de minoria social, seja pela história, pelo preconceito ou discriminação ao longo do desenvolvimento da sociedade, ao serem estigmatizados pelos grupos dominantes. A título de aceitação do termo, ao empregar *minorias sociais* queremos nos referir a grupos que estejam em situação de subordinação socioeconômica, política, cultural ou por questões de gênero. (DECOME POKER, 2014, p. 84).

Os movimentos da política de identidade estão nesse sentido vinculados às lutas de classes e contradições sociais de status, visando lutas por melhores condições sejam elas: econômica, social, cultural, étnica, profissional, de gênero, de idade, de direito humano, de civilidade, de reconhecimento em qualquer dimensão.

As lutas de distintas categorias sociais pelo reconhecimento de direitos, por uma maior participação na cena social são válidas em si mesmo na medida em que alargam o espaço de direitos e de negociações, na medida em que reduzem diferenças, injustiças e a opressão. (ALMEIDA, 2005, p. 139).

Concluindo a compreensão sobre a política de identidade, torna-se simples o entendimento do conceito, ilustrando a seguinte consideração:

Utilizando a linguagem dramatúrgica, pode-se dizer que a política de identidade de um grupo ou coletividade refere-se de fato a uma “personagem” coletiva; fala-se tanto de um “branco” ou “ negro”, quanto se pode falar de um “judeu” um “psicanalista” , um “velho”, um “jovem”, um “corintiano”, um “trabalhador”, um “vagabundo etc.; como os exemplos estão no masculino, vamos incluir também um “homem”, uma “mulher”, lembrando que podemos fazer várias combinações: um “homem branco”, uma “mulher negra” e assim por diante. (CIAMPA, 2002, p.5).

No entanto, é fundamental destacar que, ao mesmo tempo em que este indivíduo se reconhece pertencente ao grupo, consegue se diferenciar dele por reconhecer outras gamas de personagens na sua identidade (*é a noção da personagem que não perde a relação com o papel*). Desse modo, podemos dizer que é um “Eu” que responde a um “Mim”: o indivíduo, ao buscar a emancipação de uma condição, pode agir de modo criativo e inovador, ou de forma não prevista nas normas daquele grupo. (DECOME POKER, 2014, p.93).

Consequentemente, na dialética do desenvolvimento das políticas de identidade e identidades políticas.

Essa apropriação da sua história reflete a autenticidade do indivíduo, e mais, a compreensão das determinações que o norteiam como possibilidade de se autodeterminar. Diante disso, a possibilidade de identificação e autonomia é o que pode atribuir um caráter político à identidade daquela pessoa. (DECOME POKER, 2014 p. 94).

Portanto, possuímos uma organização de diversos personagens que se vinculam entre si, agrupando características de várias identidades coletivas que se unem umas às outras e se constituem pelos seus reconhecimentos subjetivos e experiências particulares, construindo e desenvolvendo assim nossa identidade pessoal. Esta identidade pessoal, que é resultado desta articulação de várias identidades coletivas, onde cada qual possui suas políticas de identidade, junto a particularidade do indivíduo, sua subjetividade e

suas experiências pessoais, podendo ser vinculada ao conceito de identidade política que é autêntica, original e singular a cada indivíduo.

A identidade política se manifesta pelo rompimento do indivíduo com a homogeneização do seu grupo, ou seja, pela busca do ser para si mesmo, capaz de se representar diante de si e diante dos outros. Nessa condição, o indivíduo tem uma ação diferente do seu grupo, através do processo de individuação. No entanto, ter uma ação que o diferencia do coletivo não quer de nenhum modo fazer referência a um individualismo para atender à “lógica egoísta” que norteia a colonização do mundo da vida pela ordem sistêmica, mas tem uma conotação no sentido da capacidade de auto reflexão e auto entendimento para a autonomia e a individualização decorrentes de um projeto político (que pode ser de âmbito coletivo). (DECOME POKER, 2014, p. 91).

O desafio de lutar pelo seu reconhecimento pessoal e também pelo desenvolvimento do seu grupo pode ser a expressão de uma identidade política em busca de emancipação e reconhecimento por suas condições enquanto ser social. (DECOME POKER, 2014, p. 95).

A compreensão introdutória dos pressupostos teóricos de identidade do papel e identidade do Eu, identidade coletiva e identidade individual, políticas de identidade e identidades políticas, são fundamentais para a discussão do reconhecimento jurídico e estima social¹⁰ que Honneth aborda e que nos possibilita um avanço para a discussão do objeto de estudo desta dissertação, sendo ele a identidade do Musicoterapeuta.

A luta pelo reconhecimento é a luta pelo sentimento de existir, de receber o retorno positivo de sua posição, status ou papel através de interações, sendo esse retorno o que confirma a identidade, que possibilita a compreensão de sua concreta existência por parte de uma contraposição.

O que é universal e constitutivo na humanidade é que entramos, a partir de nosso nascimento, numa rede de relações inter-humanas, portanto, num mundo social; o que é universal é que todos aspiramos a um sentimento de nossa existência. Os caminhos que nos possibilitam aí chegar, em compensação, variam segundo as culturas, os grupos e os indivíduos. (TODOROV, 1996, p. 98).

¹⁰ Honneth (2003, p 199) compreende que “a estima social se aplica às propriedades particulares que caracterizam os seres humanos em suas diferenças pessoais”.

Na sociedade de classes onde vivemos em meio à hierarquia social e à diversidade cultural, a valorização é muito relativa e subjetiva e os caminhos que levam ao sentimento de existência atravessam lutas emancipatórias, consequentemente a luta pelo reconhecimento profissional de um coletivo em minoria ou em prejuízo em busca de autonomia e de direitos, que é submetida à oposição predominante de outros coletivos com políticas de identidade regulatória ou opressora em função de aspectos ideológicos, econômicos, culturais, sociais, etc., pode se tornar uma forma de emancipação.

Dando continuidade aos pressupostos, Honneth (2003) discorrendo sobre os conceitos de estima social e reconhecimento jurídico, evidencia:

A auto compreensão cultural de uma sociedade pré determina os critérios pelos quais se orienta a estima social das pessoas, já que suas capacidades e realizações são julgadas intersubjetivamente, conforme a medida em que cooperam na implementação de valores culturalmente definidos; nesse sentido, essa forma de reconhecimento recíproco está ligada também a pressuposição de um contexto de vida social cujos membros constituem uma comunidade de valores mediante a orientação por concepções de objetivos comuns. (HONNETH, 2003, p.200).

Assim:

Quanto mais as concepções dos objetivos éticos se abrem a diversos valores e quanto mais a ordenação hierárquica cede a um concorrência horizontal, tanto mais a estima social assumirá um traço individualizante e criará relações simétricas. (HONNETH, 2003, p.200).

O autor percorre três tipos e concepções de reconhecimento social. Vamos nos ater em discorrer sobre o reconhecimento jurídico que por decorrer do direito, possui em relação à reciprocidade uma dimensão universal.

Para o direito, Hegel e Mead perceberam uma semelhante relação na circunstância de que só podemos chegar a uma compreensão se nós mesmos como portadores de direitos quando possuímos, inversamente, um saber sobre quais obrigações temos de observar em face do respectivo outro:

apenas da perspectiva normativa de um “outro generalizado”, que já nos ensina a reconhecer os outros membros da coletividade como portadores de direitos, nós podemos nos entender também como pessoa de direito, no sentido de que podemos estar seguros do cumprimento social de algumas de nossas pretensões. (HONNETH, 2003, p.179).

Esta relação jurídica é uma forma de reconhecimento recíproco, no aspecto universal o homem é reconhecido como pessoa que porta direitos em comum e no aspecto singular ele obedece ao universal, pois os reconhece como quer ser reconhecido, ou seja, depende do reconhecimento do outro para o seu próprio reconhecimento, “a autonomia individual do singular se deve a um modo particular de reconhecimento recíproco, incorporado no direito positivo.” (HONNETH, 2003, p.180).

O reconhecimento jurídico e a estima estão associados ambos a questões que perpassam pelas dimensões da experiência da dignidade, da honra, da reputação e do prestígio social. Para aprofundar a reflexão sobre a dimensão da estima social no âmbito do reconhecimento, é necessário entender a relação entre as categorias citadas acima.

Enquanto as concepções dos objetivos éticos da sociedade são formuladas ainda de maneira substancial e as suas concepções axiológicas correspondentes são articuladas de maneira hierárquica, de modo que uma escala de formas de comportamento de maior ou menor valor, a medida da reputação de uma pessoa é definida nos termos da honra social: a eticidade convencional dessas coletividades, permite estratificar verticalmente os campos das tarefas sociais de acordo com sua suposta contribuição para a realização dos valores centrais, de modo que lhes podem ser atribuídas formas específicas de conduta de vida, cuja observância faz com que o indivíduo alcance a “honra” apropriada a seu estamento. Nesse aspecto, o termo “honra” designa em sociedades articuladas em estamentos a medida relativa de reputação social que uma pessoa é capaz de adquirir quando consegue cumprir habitualmente expectativas coletivas de comportamento atadas “eticamente” ao status social.... (HONNETH, 2003, p.201).

Sendo que o reconhecimento social do coletivo profissional no caso da Musicoterapia é subordinado ao status que o papel desse profissional ocupa no meio social, o que nos importa discutir e compreender é como as políticas de

identidades e identidades políticas agem em relação ao reconhecimento jurídico e à estima social.

No momento, é importante saber aqui apenas quais conclusões se podem tirar preliminarmente da comparação entre o reconhecimento jurídico e a estima social: em ambos os casos, como já sabemos um homem é respeitado em virtude de determinadas propriedades, mas no primeiro caso se trata daquela propriedade universal que faz dele uma pessoa; no segundo caso pelo contrario, trata-se das propriedades particulares que o caracterizam, diferentemente de outras pessoas. Daí ser central para o reconhecimento jurídico a questão de como se determina aquela propriedade constitutiva das pessoas como tais, enquanto para a estima social se coloca a questão de como se constitui o sistema referencial valorativo no interior do qual se pode medir “valor” das propriedades características. (HONNETH, 2003, p. 187).

Vemos então como o reconhecimento jurídico da identidade do Musicoterapeuta está diretamente relacionado ao “valor” social de sua profissão e a estima social está relacionada ao “valor” pessoal/profissional transmitido socialmente. Por isso as políticas de identidades e as identidades políticas estão ligadas aos dois momentos dialeticamente.

Do reconhecimento da pessoa enquanto tal se distingue então a estima por um ser humano, porque está em jogo nela não a aplicação empírica de normas gerais, intuitivamente sabidas, mas sim a avaliação gradual de propriedades e capacidades concretas; daí ela pressupor sempre, como Darwall afirma em concordância com Ihering, um sistema referencial valorativo que informa sobre o valor de tais traços da personalidade, numa escala de mais ou menos, de melhor ou pior. (HONNETH 2003, p. 186).

Assim a estima se torna de extrema importância para a identidade profissional, pois ela se desenvolve como algo do particular mas também esta relacionada ao retorno do coletivo dependendo do reconhecimento do papel, do status e das possibilidades da posição ocupada.

Se a estima social é organizada segundo esse padrão estamental, então as formas de reconhecimento associadas a ela assumem o caráter de relações, simétricas por dentro, mas assimétricas por fora, entre os membros estamentais culturalmente tipificados: no interior dos grupos determinados por status, os sujeitos podem se estimar mutuamente como pessoas que, por força da situação social comum, partilham

propriedades e capacidades a que compete na escala dos valores sociais uma certa medida de reputação social; entre grupos definidos por status, existem relações de estima escalonada numa hierarquia, que permite aos membros da sociedade estimar propriedades e capacidades no sujeito estranho ao respectivo estamento, as quais contribuem, numa medida culturalmente pré determinada, para a realização de valores partilhados em comum. (HONNETH, 2003, p. 203).

Pode-se então compreender que, parte do status, dos papéis e personagens estão vinculados às ações/movimentos de políticas de identidade, são resultados também de um determinado reconhecimento social jurídico e do reconhecimento social da estima do indivíduo. Exercendo uma importância fundamental em nossas vidas o reconhecimento de nossa identidade e a estima social no desenvolvimento da identidade profissional.

... Os sujeitos humanos precisam ainda além da experiência da dedicação afetiva e do reconhecimento jurídico, de uma estima social que lhes permitira referir-se positivamente a suas propriedades e capacidades concretas. (HONNETH 2003, p. 198).

A estima social diferente do reconhecimento jurídico, esta mais relacionada com a identidade coletiva e a identidade de papel em uma dimensão individual do que na dimensão universal, apresentando relações com a estima pessoal, que por sua vez também é diferente do reconhecimento jurídico e está mais relacionada com a identidade individual e a identidade do eu, também sendo em uma dimensão individual, porém particular e singular.

O objeto de reflexão teórica que discutiremos neste capítulo para a discussão da questão da identidade do Musicoterapeuta, em um âmbito de estudo qualitativo através da metodologia de narrativa de história de vida, é o processo do desenvolvimento da identidade profissional, junto ao reconhecimento jurídico que atua socialmente e da relação que a estima social apresenta sobre a estima pessoal, vinculados às políticas de identidade e das identidades políticas.

Capítulo 3. A História de Lorena, a Identidade de uma Musicoterapeuta

Lorena é uma profissional da Musicoterapia com muitos anos de carreira, atualmente ela se encontra em uma fase de sua vida (se é que podemos chamar de uma fase avançada) ainda trabalhando com sessenta e dois anos, após muito conquistar na profissão e também na academia científica. Aceita então o convite para participar desta pesquisa com muito interesse e entusiasmo.

A história de vida é fundamental para podermos compreender a identidade da pessoa que a narra, para identificarmos as fases de desenvolvimento, seus personagens e papéis, seus movimentos de metamorfoses e fragmentos de emancipação. Ao analisar a entrevista, avaliamos através da história de vida o sentido que ela tem hoje para o autor que a conta, ou seja, quando ele passa a narrar sua história, ele passa a construí-la novamente através do seu presente momento, resignificando o que viveu em suas experiências.

Ao ter como objetivo estudar a identidade profissional, a narrativa da história de vida foi direcionada para o foco mais relevante, a história de vida profissional, isto significa que, aspectos de sua história de vida que estejam relacionados diretamente com sua história de vida profissional, são os aspectos que vinculam maior atenção nesta análise, identificando elementos que apresentem conexão com a identidade profissional e contribuam para a reflexão acerca da ordem do reconhecimento na história de vida profissional deste Musicoterapeuta.

Através da pergunta feita por mim: “Quem é você?”, Lorena começa então a narrar e a contar sua história de vida.

Como ponto inicial ela relata uma época em que tinha seis anos de idade, era por volta dos anos sessenta, em um contexto cultural onde as meninas normalmente eram obrigadas pelos pais a fazer alguma atividade relacionada à música ou a dança, no caso dela a mãe impôs a atividade que seriam as aulas de balé. Lorena como não gostava, sempre inventava dores na perna para fugir da atividade, após fingir esse comportamento por um determinado tempo resolve um dia ter um diálogo com sua mãe, que

compreendendo o desejo da filha acaba realizando sua matrícula em um conservatório para estudar piano clássico.

A situação financeira da família era complicada e apesar do pai ser gerente de banco, não possuía condições para comprar o piano inicialmente.

Ao perceber que o conservatório não era o caminho, a mãe de Lorena a muda de escola e começa a reconhecer a determinação da filha ao interagir e estudar o instrumento. Após algum tempo os pais conseguem comprar um piano para ela e fazem uma surpresa. Lorena relata a vivência que teve naquele momento da seguinte forma:

“Eu tive um treco, aí comecei a tremer, entrei em parafuso, enfim foi a maior alegria da minha vida, hoje com 62 anos eu me lembro do dia que eu ganhei o piano, foi uma coisa maravilhosa.”

Daí pra frente Lorena se joga nos estudos do piano de uma forma muito prazerosa, com sua nova professora, que era muito especial para ela, nos relata a sua experiência:

” Por que na minha época, você tem que se transportar pra sessenta, setenta, tudo que você errava no piano ou em qualquer instrumento você levava chinelada, palmatória na mão, reguada. Ela não, ela parava me pegava na mão e falava – ‘hoje você está triste’ - e eu realmente estava, quatorze, quinze anos de idade, aquela fase de adolescência, minha mãe era muito repressiva ao mesmo tempo que ela me dava ela cobrava. Ela [a Prof.] me pegava no pulso assim e me dizia – ‘você está triste hoje não tá?’ - e eu, - ‘não num tô’ e a lágrima escorrendo, - daí ela falava - ‘não vou te dar aula, mas também não vou cobrar, você vai ficar aqui, eu vou fechar a porta e você vai tocar a sua tristeza’ - fechava a porta e me deixava uma hora, duas horas e eu arrebatava com o piano entendeu? Aquilo pra mim era assim a maravilha dos deuses eu saía de lá..., você imagina isso uma professora na década de sessenta fazer.”

Lorena faz uma interrupção na sua história, muda a dinâmica da narração e começa a falar um pouco sobre a prática e o método de atuação da Musicoterapia, passa a explicar sobre a profissão e falar um pouco sobre o que

o Musicoterapeuta faz, apresentando alguns aspectos e fundamentos da relação musicoterapêutica e como são aplicados.

“Mas aquilo pra mim era uma coisa que eu carreguei e carrego até hoje, é exatamente o princípio de ISO que a gente usa em Musicoterapia, o conteúdo emocional que você tem naquele momento naquela fase de vida você tem que expressar de alguma forma, como que você vai expressar aquilo se o seu terapeuta, ou seu professor, ou seu psicólogo, ou seu amigo não der abertura para que você se expresse e impõe de fora pra dentro. Então o que tem de legal na Musicoterapia, é exatamente o princípio que o Benenzon faz a gente utilizar, na metodologia dele, parta da pessoa, conteúdo dele é aquilo que vai te guiar pra frente, agora depois você vai organizar sua metodologia, não é que é qualquer coisa né, então se você faz a abertura do ritmo da pessoa, da expressão melódica, do corpo dessa pessoa, do modo como essa pessoa usa a voz, você tem uma noção de quem é essa pessoa musicalmente, ora, se você conseguiu entrar no mundo sonoro dessa pessoa você vai conseguir transformar essa pessoa, porque essa pessoa vai tá nas suas mãos entre aspas, ou seja, você vai conseguir mudanças com ela, se você tivesse usado o oposto você não conseguiria, entende o que eu tô falando? É subjetivo de mais, mas você sente aquele paciente, sente aquela pessoa do jeito que ela é, quando ela vai expressar aquilo que ela é, isso é o início da terapia, daí pra frente você é responsável pela metodologia que vai utilizar, não é qualquer coisa você sempre vai ter um objetivo claro na sessão do que você vai querer alcançar com essa pessoa, mas você partiu dela, você não trouxe estratégias de fora pra dentro e impôs.”

Logo retoma a sua história trazendo para a conexão de sua fala, a explicação.

“Por que que eu tô dizendo tudo isso? Porque isso casou com a Musicoterapia mais tarde, essa forma de eu vivenciar em mim desde criança quem eu era musicalmente e quais as emoções que eu precisava extravasar através da música, ela me deu essa possibilidade, essa professora, então fez isso pra mim, foi muito importante, é como se isso tivesse me preparado internamente pra tentar entender meu paciente de hoje, você entende? Isso me deu subsídio.”

Atribuindo então uma ligação entre a prática e a forma que tocava piano em sua infância e a prática e a forma de sua atuação na profissão, um aspecto de sua identidade individual que se relaciona com sua identidade coletiva.

Durante todos esses anos de infância e adolescência Lorena estudou piano e se dedicou musicalmente. Aos dezessete anos de idade o pai dela recebeu uma oferta de emprego como gerente de um banco no Rio de Janeiro e assim a família muda-se de São Paulo para a cidade litorânea.

Lorena começou a trabalhar como escriturária e depois de um tempo ela recebeu uma ligação de sua antiga professora de piano, relatando a abertura de um curso de Musicoterapia no Rio de Janeiro.

“[Professora] – Oi Lorena tudo bem? Como que estão as coisas aí no Rio de Janeiro? – [Lorena] – Ah, eu to bem, to trabalhando no [nome da instituição], to gostando, mais ou menos porque é meio burocrático, não gosto muito disso, mas tudo bem, né. [Professora] – Eu to te telefonando porque aí no Rio de Janeiro no [nome da instituição] vai abrir um curso de Musicoterapia, um curso técnico, um curso de dois anos, [Lorena] – Musicoterapia? [Professora] – É exatamente, o que fala que aqui que é curso de Musicoterapia, isso tem tudo a ver com você...”

Narrando este momento Lorena diz o quanto ela queria trabalhar com a música junto aos outros, sem a intenção de se isolar com o instrumento e ser uma instrumentista, mas sim usar a música interagindo com as pessoas de uma forma não somente artística. É como se este curso chegasse no momento certo de sua vida.

“Por que eu sempre quis aliar aquele estudo de piano às pessoas, porque o que acontece com o pianista, eu cheguei a tocar em orquestra e tudo mais, o que acontece com o pianista que toca em orquestra ou que se apresenta e tal, ele toca pra ele mesmo e ele é isoladíssimo, é ele e o piano, é como se o piano fosse o corpo dele sabe, fosse uma continuidade tão ligada a ele que não precisa de mais ninguém, então não existe um relacionamento social só existe ele e o piano e era o que tava acontecendo comigo, cada vez mais eu tava me enfiando dentro de mim mesma com a história do piano e eu comentava isso com ela. [Lorena] - dona [nome da professora], eu observo que as pessoas se emocionam, eu observo que as crianças quando marcham elas conseguem um ritmo mais regular, quando a gente é percute um tambor, coisa do tipo né. E ela então sabia disso, quando abriu o curso de Musicoterapia no Rio de Janeiro em 1971, ela me ligou e falou, - faz a matrícula, você vai gostar desse curso, um curso técnico de dois anos, - ok.”

Lorena procurou então o curso de Musicoterapia em 1971 na pós-graduação contra a vontade de todos da família. Após passar por uma seleção rigorosa ela fez uma prova e foi avaliada de uma forma inusitada, durante o exame ela estava nervosa e todos estavam apresentando uma peça musical toda estudada e ensaiada, porém quando Lorena chegou com a partitura na mão e sentou no piano, os professores da banca não quiseram que ela tocasse uma música planejada e uma delas falou:

“... Não, não, não, a gente não quer que você toque porque a gente está cansado de ouvir músicas tocadas, faz o que você quiser no piano.”

Logo ela começou a improvisar e tocar o que estava sentindo, acostumada a fazer isso com sua professora de música, tocando seus sentimentos, conduziu facilmente a peça improvisando no piano, obtendo o reconhecimento que precisava dos professores e sua merecida aprovação, com o seguinte argumento da banca:

“Era isso que a gente queria de um Musicoterapeuta em termos de música.”

Lorena sempre pontua a questão de que o Musicoterapeuta não é um músico instrumentista e compositor, ele trabalha com a música interagindo com o paciente, utilizando elementos da música para abrir canais de comunicação, para se relacionar e para se vincular com seu paciente.

“Mas o fundamento da essência do trabalho é você sentir seu paciente e permitir com que ele entre no seu mundo e você entre no mundo dele. Quando eu falo mundo é o mundo interno sonoro-musical são os elementos sonoros presente nele. Que elementos são esses? A forma como ele anda, o ritmo do andar, o ritmo do falar, a entonação da voz, como ele te chama, como ele se comporta corporalmente, o que ele pega, como ele pega o instrumento musical, de que forma ele age com esse instrumento, de que forma ele utiliza a voz dele, esses elementos que são pré-linguagem, para-linguagem, não são a linguagem propriamente dita da palavra, são os elementos que antecedem essa palavra, por isso que quando

uma cara fala: ‘Ah, mas fulano está com a afazia e você não trabalha a palavra’, não..., mas eu trabalho a palavra, só que eu trabalho a palavra musical.”

Lorena faz uma breve comparação para explicar melhor.

“Se fizermos um paralelo, você pega a alfabetização, aí o fulano está pronto pra ser alfabetizado, o que que significa isso? Significa que o cara sabe mais ou menos o que é direita e esquerda, significa que ele se coloca nesse espaço sabe que ‘lá’ tem uma parede ele não vai além daquilo, significa que ele tem um aspecto motor bom pra pegar um lápis e escrever, quer dizer, sabe o que é atrás e a frente, em cima e embaixo, acima abaixo, do lado, lateralidade, são aspectos que compõe o que são necessários pra que ele aprenda a escrever e ler. Na música é a mesma coisa, são aspectos que a gente tem que desenvolver. Por exemplo na questão da linguagem falada que antecede a linguagem falada, que vem antes, por isso que a gente não aparece muito, por que isso não aparece, isso compõe lá dentro o ser no íntimo dele e você vai desenvolvendo coisas que aparentemente são simples, mas que não são simples.”

Ela coloca a questão de que a Musicoterapia é muito difícil de ser compreendida, de ser realmente entendida em sua essência, pois isso só é possível através da prática e não somente da dimensão teórica.

“Para você entender você tem que vivenciar, não adianta você ler 30 livros do Bruscia, do Benenzon disso, daquilo, daquele outro, não adianta você tem que vivenciar.”

Quando Lorena entrou no curso técnico em Musicoterapia de 1971 o planejamento era de um ano de carga curricular, mas foi estendido para dois, logo o curso passou por reformulações e se tornou uma graduação em Musicoterapia. Já no final de seu curso ela inicia sua carreira por prazer atendendo sem remuneração, a mãe de Lorena era contra, mas o pai a apoiava em seus estudos e suas escolhas. Diz ela em um momento:

“Meu pai bancava pra mim, nesta época estávamos melhor financeiramente, me dava tudo que eu queria, minha mãe era super contra, minha mãe foi na secretaria rodar a baiana com [nome da pessoa], pra me tirar porque ela era totalmente

contra e meu pai era o oposto, eu chegava 'pai tô precisando de um dicionário médico' - 'ah, [apelido carinhoso] quanto custa o dicionário?' - 'a x reais, x cruzeiros né', - 'ah, toma compra, compra, depois eu me viro'. Era bem assim eu tinha tudo que eu queria, máquina de fotografia pra documentar os pacientes e tudo mais."

Só depois de um tempo, quando Lorena começou a ser chamada para eventos onde ela trocava as experiências de pacientes da [nome da instituição] com deficiência mental e de pacientes da [nome da instituição] com deficiência física, passou a ser reconhecida, sendo então convidada a participar dos eventos científicos e acadêmicos. Lorena conta que sua mãe acaba aceitando mais a carreira e a escolha da filha.

"Aí ela começou a gostar, 'minha filha subindo no palco né' tudo que ela queria na vida era me ver subindo em um palco."

Em 1977 Lorena casou-se com um paulista e foi embora do Rio de Janeiro, largou tudo que estava começando na cidade litorânea e deu início a uma outra fase de sua vida em São Paulo, passou por uma escolha um pouco sofrida, pois tudo o que era relacionado à Musicoterapia estava acontecendo no Rio de Janeiro desde o início dos anos setenta, já em São Paulo foi começar só no início dos anos oitenta. Diz ela que:

"É como se eu tivesse perdido dez anos, tudo que eu tentava fazer não dava certo porque não tinha eco sabe? As pessoas confundiam com aula de excepcional, com aula de música, com aula do sei do que, mas ninguém entendia o que era o raio da Musicoterapia que eu tava propondo, mas mesmo assim eu nunca, de oitenta e um, aliás, de setenta e tanto que eu tava lá no Rio, depois que eu vim pra cá casada em setenta e sete, até hoje eu nunca fiquei desempregada, - 'tipo assim você nunca teve o que fazer? o que você tá fazendo agora?' Eu sempre tive pelo menos um paciente pagante, eu nunca fiquei - 'ai meu deus eu to desempregada', - nunca, nunca, nunca, sempre tive alguma coisa dentro da área da Musicoterapia que me dava dinheiro, não vou dizer que eu fiquei rica, mas eu nunca precisei e eu sou viúva e me mantenho com a Musicoterapia."

A dinâmica da narrativa se modifica novamente e Lorena começa a falar sobre a carreira profissional e aprofundar sobre a questão do reconhecimento:

“O reconhecimento como profissão sempre foi sofrido e sempre foi tirado através da prática, ou seja, quando eu tentava entrar no hospital das clínicas, ou qualquer outro hospital. Diante de uma equipe médica, paramédica, que pedia pra eu apresentar um trabalho, eu apresentava esse trabalho teoricamente, eu me ferrava, porque por mais que eu falasse as coisas que eu sabia de Musicoterapia, as pessoas babavam e nem perguntas tinham, porque as pessoas babavam literalmente assim ‘hã’, eu comecei a entender que primeiro eu tinha que mostrar a prática daquilo, aí todo mundo [riso daqui a ali, puts grilo isso funciona!], era bem isso, mostrar que a prática funciona, que o paciente tem realmente uma abertura da percepção muito grande em pouco tempo e isso facilita muito tanto outras terapias, quanto a expressão desses sentimentos e tudo mais que vem depois para o paciente, para depois você teorizar em cima. Aí a coisa começou a ficar boa, ou seja, eu entendi que não adiantava eu ir para um evento e falar teoricamente através de slides através de coisas que eu era aquilo, eu começava pela prática, aí eu comecei a ser entendida, isso não faz muito tempo, faz uns dez anos, até lá eu pastei, eu pastei, mas eu não desisti porque pra mim era muito prazeroso ver o resultado que os meus pacientes tinham, aquilo era quase tudo pra mim, era oitenta por cento, faltava os vinte que era o tal do reconhecimento. Eu me reconhecia... eu não tava muito importando se o médico, doutor cinco estrelas, me reconhecia... eu não tava me importando, agora quando eu mostrava pra ele a prática e ele dizia: ‘nossa isso funciona’, pra mim já era o bastante, claro que precisava mais, mas pra mim naquele momento era o bastante. [ela diz:] - ‘o senhor gostou do trabalho?’ - e [ele diz:] - ‘... eu quero que você continue’ - mas começava a não exigir mais que eu teorizasse a coisa, entendeu, em termos de metodologia, de teoria, porque eu volto aquela frase - ‘Você só entende Musicoterapia quando você vivencia em você mesmo senão você não é capaz de entender’ - agora como a teoria ainda é insípida perto das outras ciências né, não dá pra você provar entre aspas pela teoria através de argumentos que aquilo é totalmente válido, mas não importa eu fui indo, sabe quando você vai? Eu tive várias oportunidades de abandonar a Musicoterapia, porque, com o conhecimento do piano, com a capacidade que eu tinha desenvolvido lá no [nome da instituição] como escriturária, como secretária, eu fiz curso de estenotipia, que era uma caligrafia com uma máquina, curso e cursos que eu tinha feito ao longo da vida, eu poderia muito bem ter pendido pra um deles e ter entrado em alguma coisa...”

Conforme a narrativa se desenrola vai ficando claro que o sentido do reconhecimento para Lorena, se realizava na prática de sua atuação

profissional e no resultado que ela obtinha nos tratamentos eram muito positivos. O primeiro reconhecimento para ela era o auto-reconhecimento que se confirmava positivamente nos resultados da prática de sua atuação, isso sim era o que determinava o sentido da profissão e a disposição em continuar nela. Logo o reconhecimento dos outros se torna importante possibilitando através de um retorno positivo e coletivo no meio profissional a confirmação de seu trabalho.

“Então pra mim o reconhecimento primeiro e é até hoje, eu me satisfaço quando eu vejo uma criança que eu atendo, um pai me telefona, só no escrever, um pai manda um e-mail e diz - ‘o Lorena ele tá outro, ele abriu a percepção ele olha pro mundo percebe a mãe do lado, coisa que não percebia, ele é capaz de apalpar uma coisa e fala cantando alguma coisa e depois do canto isso vira uma frase...’ - pra mim é isso entendeu, agora no meio científico e no meio acadêmico a gente continua sofrendo... porque as pessoas... porque ‘elas’ não passaram pela vivência e ‘elas’ se atém à teoria e como a gente não tem a teoria muito reconhecida por outras áreas ainda, a gente para no argumento... tá desenvolvendo bastante, mas a gente perde entre aspas em argumentações diante de um bom Psicólogo, de um bom entende? Sociólogo, de um bom filósofo, a gente acaba, chega uma hora que a gente não tem uma resposta porque a área não chegou lá, por que a área como diz o Benenzon, é embrionária... enquanto as outras estão lá na maturidade, a gente tá na primeira infância, nós estamos buscando, mas isso não significa que você tenha que abandonar a coisa porque você desistiu, então eu nunca quis, nunca na minha vida passou pela cabeça ‘Lorena deixa de ser Musicoterapeuta, para com isso, vai fazer outra coisa’. Minha mãe vendia..., teve uma época que teve uma confecção, fazia malhas né, ela dizia: - ‘porque você podia me ajudar...’ - ganhou dinheiro pra caramba vendendo malha, eu olhava pra aquilo e falava ‘puts, mas o que eu ganho com isso, dinheiro?’ Não quero, não faço questão entendeu. Quando eu casei com um cara que me valorizava pra caramba, em setenta e sete, fui casada com ele até a morte dele que foi em [...], eu tive um respaldo dele maravilhoso, que ele dizia: - ‘eu quero te ver feliz, ponto... é a Musicoterapia que vale...’ - Ele ficava feliz se eu entrasse em casa contando que tinha ido bem em um congresso, ele ficava feliz quando um paciente meu não sei o que... ele vivia aquilo se entende? Então aquilo me dava uma força tão grande interior que era o bastante pra mim, depois que ele morreu eu já estava meia macaca-velha e segui em frente, não vou abandonar aquilo que eu amo fazer, que eu amo fazer Musicoterapia e estudar Musicoterapia eu também gosto, nessa parte toda teórica de ler os trabalhos, de ler livros... Eu fiz um livro agora, vai sair agora em Dezembro, Já tá lá na editora [nome] sobre [tema], mas assim, é uma coisa que tá dentro de mim.”

Falando sobre a experiência Musicoterapêutica que precisa ser vivenciada para que o indivíduo se torne Musicoterapeuta, podendo se constituir e se desenvolver de forma integral e interiorizar o sentido de ser Musicoterapeuta, surge a questão onde existe uma tendência grande de posicionamentos e definições em relação a uma identidade que apresenta uma singularidade muito grande, uma especificidade muito grande, mas que ao mesmo tempo é abrangente.

“Aí é que tá, a profissão não é específica ela é abrangente demais, a contradição tá aí, a dialética tá aí entendeu? Ao mesmo tempo que ela foca no sujeito, nos problemas de uma pessoa ou na prevenção de uma pessoa usando elementos sonoros-musicais pra isso, ela é ampla demais, porque ela serve pra quase tudo, entende? Então se o sujeito não puxa uma especificidade do aspecto humano, ele não consegue trabalhar com foco, ele começa a trabalhar com o geral o tempo inteiro, o que também traz benefício, mas que não é ideal para o mundo acadêmico, entende? Então a especificidade dentro da Musicoterapia que é extremamente abrangente, pode trabalhar com criança, com bebê, com gestante, com idoso, com maduro, com adolescente, se pode trabalhar com síndrome neurológica, com isso com aquilo, com a área psiquiátrica, com a área física... se pode trabalhar com quase tudo, é difícil alguém não poder ser encaminhado para a Musicoterapia, quer dizer, uma terapia que é tão abrangente acaba tendo que ser específica pra poder focar no mundo acadêmico, no mundo terapêutico, clínico.”

Lorena compreende que em uma dimensão de universalidade o Musicoterapeuta possui uma identidade coletiva, o papel do profissional é um papel coletivo, ou seja, existem características coletivas em comum, objetivos e funções em comum, relacionados à identidade do papel, mas ao mesmo tempo este papel é abrangente como formação, possui toda essa abertura e possibilidades de trabalho, apresenta uma interlocução com diversas áreas e várias formas de atuação.

Ela continua a narrativa contando sobre sua formação.

“Teve uma mudança né, ao longo desses anos, no início a formação do Musicoterapeuta era uma colcha de retalhos, então o que que a gente aprendia? A gente tinha um pouco de

Psicologia, aí tinha dinâmica de grupo, Psicologia do desenvolvimento, Psicologia do excepcional e daí ia... personalidade, aí a gente tinha a área musical que a gente aprendia composição, aprendia isso aprendia aquilo tal, percepção musical e matérias da música, a gente tinha matérias sensibilizadoras que eram corporal, expressões artísticas, corporais e tudo e tinha a área que chama de científica, onde entrava Psicologia e outras áreas científicas. Eram basicamente três, a científica com Psicologia, antropologia..., a artística com música, artes, corpo...e a sensibilizadora que era a vivência prática, sentir na pele. Só que era uma colcha de retalhos, você não via muito a ligação de uma coisa com a outra, mas você vivenciava, você entendia dentro de você mas não sabia explicar por que. Aí a Musicoterapia passou por uma outra fase na formação que ela começou a se tornar uma rede, foi quando começou a ficar bacana, porque a gente começava a perceber que uma coisa se conectava à outra. - 'Mas pra que que eu vou aprender expressão corporal, eu não vou fazer expressão corporal em uma sessão de Musicoterapia', - vai mas não como expressão corporal, mas você vai usar o corpo, então se você não vivência o corpo e está diante de uma criança, de um adulto, de um idoso, que não é capaz de se expressar mas o corpo dele expressa e você for 'tacado', quer dizer se você for uma pessoa pra dentro que não sabe expandir o seu corpo, como é que você vai querer que ele se comunique com você, se você não vivenciou?"

Como a ordem do reconhecimento para Lorena está relacionada com a prática de sua atuação e com toda essa vivência musical diferente de uma musicista instrumentista ou de um educador musical, ela fala então sobre a profissão e a identidade do Musicoterapeuta, sobre o perfil do Profissional e o perfil da ciência.

"Você tem que ter em você o perfil de Musicoterapeuta, você tem que ter alguns aspectos que muitas pessoas ligadas a música não tem, eu cansei como coordenadora da [nome a instituição], eu cansei de receber na prova de seleção[...] pessoas que dominavam o instrumento musical e que eram incapazes de improvisar, incapazes e a improvisação é a técnica que mais se adequa ao Musicoterapeuta, se ele não conseguir improvisar, tchau, vai desenvolver e depois volta, por que assim você não é capaz, isso daí é potencial, tem que tirar de dentro essa capacidade de improvisação, por que exatamente tudo isso é parte do conteúdo dessas pessoas, esse conteúdo é simples, às vezes o sujeito vira pra você e não consegue falar, - 'hum hum' - faz esse som, o que se faz com esse som? Não precisa ser pianista pra fazer esse som, concorda? Se não precisa saber ler quinhentas mil partituras, improvisar em quinhentos mil tons, não!, basta você pegar esses sons do paciente e transformar isso em música, ou

transformar isso em som em ritmo em corpo e fazer que ele se sinta feito através daquele som que ele emitiu, consciente daquele som que ele emitiu por acaso e você ajudou ele a tornar aquele som consciente, quando você chega pra ele, pega esse 'hum' e transforma em algo que faz sentido pra ele, pronto! ele tornou aquilo consciente aquilo teve um significado e daí pra frente você amplia esse significado, aí é que é gostoso se ver, porque nunca um trabalho é igual ao outro exatamente porque uma das coisas que a ciência antiga não aceita, a antiga tá, aquela ciência retrógrada, aquela ciência cartesiana do positivismo que entendia que a ciência tem que ser algo replicado né, - 'aconteceu com um é ciência porque vai acontecer com mais mil, senão não é ciência' - na Musicoterapia isso nunca vai acontecer, se quiser dizer que não é ciência, então não é, mas se você tiver dentro da análise de uma ciência antiga, uma ciência daquela época, de Descartes e etc., a ciência de hoje em dia que é uma ciência transdisciplinar que tem uma diversidade, uma aceitação de várias coisas que formam uma verdadeira rede como é o ser humano, passa entender a Musicoterapia com algo que contribui, que beneficia esse ser humano no seu todo, no seu global, entende? Holisticamente beneficia, agora, você não pode entender a ciência como algo fechado."

Percebe-se o quanto uma identidade coletiva de um determinado papel coletivo, como na profissão do Musicoterapeuta, precisa de um ator com um perfil específico, estabelecendo em um processo de legitimação a normatividade social de atuação daquele grupo.

Isto nos leva a pensar nos conceitos de políticas de identidade onde no caso de Lorena acontece um movimento ainda desconhecido e de certa forma inédito por ela ser pioneira nesse meio profissional, produzindo através do sentido que o reconhecimento vai se estabelecendo em sua identidade individual, formas e procedimentos de condutas e ações que geram padrões de um papel coletivo e criam políticas de identidade de um grupo através de suas próprias experiências.

"Estão estigmatizando uma profissão que quer sair do forno, mas não deixam, entendeu? Não deixam porque ela tem que se constituir, ela tem que se estabilizar, ela tem que ter um corpo teórico mais consistente, mas você não dá o fogo para aquela torta crescer, caramba, tem que dar o forno, tem que molhar o bico, tem que esperar anos pra que se constitua uma ciência. Agora nossa luta neste momento é: nós somos diferentes da prática do educador musical, nós somos diferentes na prática do musicista, nós somos diferentes na

prática do recreacionista musical tá! Nós não somos nem mais nem menos, nós somos uma ramificação que se preocupa que se interessa em entender o cérebro, o comportamento diante dos estímulos sonoros musicais, essa é a nossa preocupação, ou, seja, nós queremos estudar porque você se emocionou com tal música. O educador musical não quer saber por que você se emocionou, então esse é o nosso objeto de estudo, é entender a música interna desse ser humano e é difícil explicar isso pra quem não vivencia, - 'mas como assim? Que teoria que é? Mas qual é o método?' - Tem milhões de métodos basta você comprar um livro do Bruscia que você vai ver quinhentos mil métodos."

A identidade individual sempre está relacionada à identidade coletiva, pois toda identidade é social e todo ser humano é um ser que vive em sociedade, assim ao falar sobre a profissão discorrendo sobre sua história, suas experiências e vivências pessoais, Lorena fala em alguns momentos em primeira pessoa do plural, como quando relata: "nós somos diferentes...", evidenciando a influência de sua experiência pessoal no perfil desse coletivo e tornando essa relação de reciprocidade entre coletivo e individual legítima ao inserir o seu discurso no plural, ou seja, ao falar pelo coletivo ela fala sobre políticas de identidade do Musicoterapeuta através de sua própria experiência.

Também relata seu movimento de lutar pela identidade coletiva da profissão através de sua experiência individual e precursora em um contexto inédito de uma profissão nova.

"Eu não quero mais demonstrar nada, há vinte anos atrás eu tinha preocupação em demonstrar, - 'eu vou provar que a Musicoterapia é benéfica, é eficaz', - hoje eu não quero saber de provar porcaria nenhuma, não interessa provar, tá mais do que provado que a música interfere tanto positivamente como negativamente no organismo do ser humano, na mente dele na emoção dele entendeu? Tá mais do que provado, só uma pessoa inculta é capaz de dizer - 'hã, pra mim isso não existe', - você nunca se emocionou diante de uma música na vida? Ou nunca viu ninguém ter uma reação corporal diante de uma batida e ficar com o pezinho assim [movimenta o pé], você nunca viu isso na vida, impossível, não, você não prestou a atenção, ou seja, o efeito orgânico, emocional, mental, espiritual sobre essa pessoa, sobre todas as pessoas, existe, isso tá mais do que provado, agora o que a gente faz com isso é que tem que ter mais estudo."

O reconhecimento profissional da identidade se dá em dois aspectos, o primeiro pode ser relacionada à estima e ao personagem, gira em torno do indivíduo (identidade individual) e o segundo pode ser relacionado ao reconhecimento jurídico, o qual gira em torno do coletivo, do papel, da atuação que ele exerce como profissional, (identidade coletiva).

“... O nosso trunfo vamos dizer assim, é a gente levar o estudo de um caso, por exemplo, gravado, filmado, pra eles acreditarem que isso aconteceu, por exemplo, em uma primeira sessão e em uma última depois de quarenta sessões, isso daí é o que mais chama a atenção dos doutores na academia por que eles veem o cara babando - ‘hãhã’ - não é capaz de falar uma palavra, não é capaz de ter uma reação, não tomou uma iniciativa, tem o olhar alheio, uma série de comprometimentos comunicativos e você começa trabalhar com técnicas musicoterápicas a partir daquilo que ele te traz, depois você teoriza aquilo, mas você começa trabalhando prática né, sentindo o paciente e trabalhando, depois de quarenta sessões você mostra o paciente, entrando na sessão, vestido de forma diferente, te cumprimentando, tendo iniciativa, tendo critério de escolha, -‘não gosto desse som’ - ou então - ‘entra aqui comigo’ - ou então ele não fala nada e a gente faz música junto e essa pessoa sai bem melhor, até a face, até o físico dessa pessoa muda, porque o corpo conta, reflete aquilo que ele tá sentindo por dentro.”

É muito interessante ver como Lorena fala da Musicoterapia e da profissão, demonstrando um sentimento intenso e único nesta relação especial que ela possui com a música desde pequena.

Ao tentarmos compreender como ela foi interagindo e se identificando com a música e o sentido que a música tinha para ela, vemos como sua relação com a música se desenvolveu de forma diferente de uma musicista ou educadora musical, evidenciando aspectos nessa relação que desde cedo apresentava conexões com a forma que ela utiliza a música em sua atuação como Musicoterapeuta. Mantendo a característica dessa relação mesmo passando pelas metamorfoses dos personagens.

“Desde o começo eu me identifiquei com essa forma, desde o momento que eu me lembro que teve uma vez quando eu fui apresentar uma música no teatro [nome], eu devia ter uns doze anos, eu me lembro que eu era pequenininha e o papai me fez um banquinho pra eu colocar meus pés porque meus pés ficavam balançando no piano de tão pequena que eu era e eu

fui no teatro apresentar uma composição minha e nesse dia quando eu apresentei, que eu levantava do piano e agradecia no teatro eu percebi que as pessoas se emocionavam e aquilo me chamou a atenção - ‘nossa tem gente chorando por causa da composição, imagina’ - aquilo ficou na minha cabeça, onze, doze anos eu devia ter a partir de lá eu falei assim, - ‘nossa, poxa vida eu nunca prestei atenção nisso, hoje eu prestei atenção, imagina quantas pessoas são capazes de ter algum benefício com isso né, eu gostaria de usar essa minha música’ [claro que não tinha essa consciência que eu tô falando agora,] eu gostaria de usar essa música, esse meu piano por exemplo em benefício de alguém, de um grupo de pessoas.”

É notável o quanto importante foi a relação que teve com sua professora de piano nessa formação diferenciada, Lorena relata que sua professora foi fundamental em sua constituição como pessoa e como profissional.

“Ela me punha em concursos, eu ganhei, eu tenho um monte de estatuetas de concurso e eu me lembro que nesse [falando de um concurso específico] eu não tava preparada pra concurso emocionalmente, eu tava passando por uma fase ruim, quatorze, quinze anos, eu tava mal e tal, eu me lembro que ela por várias vezes ela dizia: - ‘mas o que que importa você ganhar mais um troféu, o que importa é que você estar bem...’ - minha mãe ficava louca, louca...”

“Quando eu fui pro Rio de Janeiro que ela me telefonou ela falou assim: - ‘encontrei o teu curso, é esse teu curso’, - eu falei puts! Agora sim eu vou, sabe, eu vou usar a música pra entender as pessoas, é isso que eu quero, eu não quero tocar piano [trantrantran], sabe Nelson Freire... então essa coisa egoísta que torna o sujeito egoísta, ele vezes o piano que é um objeto, ele interioriza aquele objeto, ele enfia aquele objeto dentro da alma dele e o resto do mundo não importa, ou seja, como ele não vive sem ser em sociedade ele também se sente infeliz...”

Ao voltar a falar de sua família em uma de suas transições, Lorena menciona que tem um irmão mais velho e que na época que moravam na casa dos pais a relação familiar e o ambiente da casa eram de certa forma ruim, com exceção do pai. Relata que as coisas mudaram bastante quando ela casou e que a relação que Lorena tinha com o pai e o com o marido eram muito boas, pois eram eles quem apoiavam e davam suporte à escolha da profissão e a carreira dela, sendo os primeiros que possibilitaram o reconhecimento de sua

identidade profissional. Nesta época ela trabalhava como Musicoterapeuta e educadora musical.

“Como professora no [nome da instituição] eu ganhava uma nota, eles pagam bem demais né, eu fui professora dezessete anos de lá, até o dia que cheguei pro [nome do marido] e disse: - '[nome] eu não aguento mais ser educadora musical aquilo não... eu faço sete vezes a mesma coisa por dia, eu sou criativa eu quero criar... eu não aguento mais isso', - [ele responde] - 'saí, pede demissão eu te dou o maior apoio' - a família foi toda contra, - 'Lorena louca, desvairada, ganhando bem pra caramba... tá se demitindo de uma coisa que todo mundo quer pegar porque ganha bem, porque paga bem' - eu disse - 'eu quero assumir a Musicoterapia integralmente' - não ganhava nada, mas pelo menos um paciente eu tinha, então eu sai do [nome da instituição] e assim a vida é engraçada né? e cobra da gente, eu sai no dia oito de dezembro, no dia quinze veio o diagnóstico dele do [nome do marido], já um diagnóstico filho da mãe... aí eu estava desempregada. Mas eu tinha oferecido pra várias faculdades o projeto de abertura de curso de Musicoterapia, isso quatro, cinco anos antes. Passaram-se sete meses e eu lá numa misereba danada porque meus filhos não podiam trabalhar na época né, isso foi em [...], quando chegou em junho do ano seguinte eu perdi o [nome do marido] e perdi meu pai né junto, tava defendendo o mestrado, tava no final do mestrado, perdi os dois ao mesmo tempo em questão de meses assim um com o outro, que eram meus dois amores, as duas pessoas que sempre me apoiaram em tudo, me ajudaram, aí em junho a [nome da instituição] me liga, - 'a professora a gente que abrir um curso, nós estamos precisando abrir curso, a senhora ainda tem interesse?' eu imaginava um curso de extensão uma coisa assim, - 'a eu tenho sim' - 'é pois é nós gostaríamos de conversar com a senhora, a senhora não pode vir conversar aqui conosco?'... - sabe quando você nem lembra que projeto era esse, eu nem lembrava e era uma graduação e eu cai de costas, aí quando eu cheguei, isso foi em junho de [...], no ano seguinte eu tava com a primeira turma.”

“Eu nunca sentei, deitei em berço expandido entendeu? Muita gente fala - 'a porque eu não consigo emprego, a porque eu me formei e não tem lugar pra atuar, a porque isso e aquilo' - eu nunca me deixei sabe..., eu ia em tudo o que era relacionado a Musicoterapia, eu ia em tudo, era evento, era congresso, era viagem, era show, tudo que você puder imaginar na vida, pintava a Musicoterapia lá ia eu, aí eu fui presidente da [nome da instituição], fui escolhida pra ser presidente da [nome da instituição] fui presidente dez anos, ninguém queria ser presidente, mas foi como presidente da [nome da instituição] que eu ganhei nome.”

Esse foi o auge do seu reconhecimento profissional pensando no aspecto da carreira, sendo que o sentido do reconhecimento demonstrado por ela nunca havia sido ganhar um determinado status, ou ocupar uma posição individual que possui um significado social, como a 'glória de um primeiro lugar no pódio', mas sim o valor dos resultados positivos que os pacientes apresentavam comprovando o potencial e a eficiência dessa atuação profissional.

Como uma profissional que se encontrou em sua carreira, se identificando de maneira integral com a Musicoterapia, antes mesmo de descobri-la como profissão, Lorena aponta aspectos que são parte de sua personalidade e o apoio recebido que foram fundamentais para seu reconhecimento e para as suas transformações em busca de emancipação.

“Da minha prática e da minha persistência, primeiro eu nunca deixei de atuar e segundo eu nunca me abati assim, - ‘vou deixar de ser Musicoterapeuta porque isso aqui é uma porcaria’ - nunca entendeu? Quando eu sentia que a coisa tava minguando, que eu estava perdendo terreno, eu ligava pra alguém, eu ia na casa de alguém, - ‘como é que eu conheci a [nome da instituição]?’, - era uma palestra no centro da cidade com a [nome da pessoa] que tava querendo fundar a [nome da instituição] e ao mesmo tempo tinha tido um congresso internacional na [nome de outra instituição] que me chamaram pra ajudar, eu ia e fazia qualquer coisa que você me pedisse dentro da área de Musicoterapia, eu não perguntava se ia ganhar, eu não perguntava se ia me pagar, não perguntava quanto ia ganhar, eu não perguntava quanto tempo ia dispor, eu ia, eu ia e fazia entendeu? Então eu acho que esse mérito eu tenho porque é uma coisa tão prazerosa pra mim e com apoio obvio, porque se eu não tivesse o apoio de ninguém eu acho que teria desistido, mas como o apoio era muito grande e era real era verdadeiro sabe, era um apoio que vinha de verdade, aquilo me dava força entende? Mas assim é sofrido, até hoje é sofrido, o Musicoterapeuta ele tem que ser persistente, ele tem que dar a cara, ele tem que parar com essa história de que vai ganhar pouco ou não vai ganhar pouco, ele tem que se meter, eu nem te falo quanto eu ganho no [nome da instituição], é uma miséria o que eu ganho no [nome da instituição] e eu preciso disso agora com 62 anos de idade, não, mas eu tô.”

Como a nossa história de vida também se relaciona com nossos projetos futuros, Lorena apresenta um desfecho na sua história falando sobre seus

planos e pensamentos em relação ao que quer vivenciar deste momento em diante.

“... Eu sempre tive um projeto na vida, conforme eu tô alcançando eu já penso em outro, sempre fui assim, o meu projeto atual é, [atual que eu falo é de três anos pra cá], eu quero que a Musicoterapia no estado de São Paulo funcione como profissão, porque no Rio já funciona, no Paraná também, em Goiás também... independente eu quero que a Musicoterapia no estado de São Paulo funcione, seja uma profissão.”

Ao finalizar a narrativa Lorena deixa claro que não parou por aqui, mesmo aposentada e com uma carreira consagrada ela ainda trabalha com a Musicoterapia e faz seu doutorado com este tema. Percebe-se o amor pela profissão e o sentimento de prazer que ela possui em sua identidade profissional, assim o sentido do reconhecimento se dá pela atuação e pelo uso da música terapeuticamente, que proporcionaram resultados positivos do trabalho com avanços dos pacientes, sendo identificado e legitimado socialmente o reconhecimento de sua personagem profissional através de sua competência, eficiência, capacidade e determinação. Consequentemente, pelo fato de ser precursora possibilitou o avanço do reconhecimento do papel profissional da Musicoterapia.

O principal aspecto a ser aprofundado nesta pesquisa sobre a identidade está na compreensão do reconhecimento da identidade individual em relação à identidade coletiva, ao analisarmos a narrativa da história de Lorena primamos por um maior interesse nesta relação entre seu personagem profissional (identidade individual) e seu papel profissional (Identidade coletiva). Contudo nos atentamos também para alguns dos personagens de Lorena, considerando as relações que possuem com a identidade profissional objetiva ou subjetivamente.

Ao olhar para a personagem menina/adolescente percebemos que as metamorfoses em busca de uma emancipação estão diretamente relacionadas com o sentido e com a relação que a música apresentava pra ela, desta forma suas transformações da identidade pessoal vão ocorrendo através da música.

Essa identificação com a música é enorme e vai progredindo conforme Lorena vai se constituindo, sendo que a maioria de suas personagens até sua

fase jovem começam a se enraizar na questão da música como metamorfose em sua identidade.

Ao nascer do personagem de sua identidade profissional como Musicoterapeuta, nasce também um alicerce na criação da identidade coletiva desta profissão, tornando-se pioneira da Musicoterapia e influenciando na criação das políticas de identidade do Musicoterapeuta.

Quando se identifica com a profissão e se auto reconhece como tal, Lorena passa a aprofundar a sua relação com a música e com a Musicoterapia, além de sua experiência teórica nos estudos ela passa a buscar o reconhecimento pela prática de seu personagem profissional e consequentemente possibilita o mesmo no papel de sua profissão, estabelecendo uma relação recíproca de reconhecimento e emancipação. Ao decorrer do tempo ela percebe que o reconhecimento primeiro era o auto-reconhecimento como Musicoterapeuta que através de seu próprio reconhecimento devido o retorno positivo de seu trabalho e atuação profissional é que se inicia o reconhecimento de outros.

Em sua personagem, mulher casada e trabalhadora, as transformações de Lorena implicam em uma identidade pessoal que conseguiu autonomia e crescimento ao casar e sair de casa, mudando de vida e de cidade, porém mantendo uma forte relação com seu personagem do papel coletivo, proporcionando mudanças que buscam a emancipação da identidade pessoal através da profissão.

Certamente as metamorfoses dos personagens da identidade pessoal que foram importantes para a identidade profissional estão ligados com a música e a busca do reconhecimento não como musicista mas como Musicoterapeuta. Com isso, é evidente que por ser pioneira na profissão e no desenvolvimento da identidade profissional do coletivo da Musicoterapia, compreende-se que através de sua experiência individual, além de Lorena contribuir para o desenvolvimento da política de identidade desse grupo ela contribuiu para a história de uma profissão e seu reconhecimento social a despeito de sua própria história e conquista do reconhecimento de sua identidade profissional.

Considerações Finais

Com objetivo de compreender o sentido do reconhecimento na identidade profissional do Musicoterapeuta, o maior interesse ocorreu em explorar esta relação: entre o desenvolvimento de uma identidade individual (eu), conjunta ao desenvolvimento da identidade coletiva (papel), ou seja, investigar e explorar aspectos da identidade individual e seus personagens, em relação aos aspectos de um papel exercido coletivamente.

A identidade do Musicoterapeuta nunca antes foi estudada através dos pressupostos do sintagma da teoria da identidade-metamorfose-emancipação (CIAMPA, 2007). Neste trabalho utilizamos a perspectiva da Psicologia Social para compreender o Musicoterapeuta sua identidade e seu reconhecimento. Ao propormos estudar a identidade do Musicoterapeuta pela perspectiva da Psicologia, nunca pensamos que seria um trabalho em termos inéditos e inovador. Com uma carreira não muito nova em termos de idade, mas nova em termos de popularidade, a Musicoterapia que ainda é desconhecida por muitos é o tema que circunda o objeto de pesquisa: a identidade do seu profissional.

Assim, ao analisarmos a história de vida narrada pelo sujeito ator, que no momento em que narra se torna o autor, podemos compreender que a relação que o Musicoterapeuta tem com a música é muito diferente da relação que um músico ou um educador musical possuem, ou de qualquer outra profissão que envolva a música. Essa relação que o Musicoterapeuta possui só pode ser entendida ao ser vivenciada, isso não é exclusividade do Musicoterapeuta, mas a identidade deste profissional está ligada diretamente à sua atuação e possui a relação de reconhecimento com maior intensidade através da prática e posteriormente no seguimento teórico.

Sabemos que existem outras formas de apropriação além da vivência e a experiência pode ser transmitida e comunicada quando não for vivenciada, mas para o Musicoterapeuta o sentido de ser reconhecido como Musicoterapeuta ocorre realmente quando ele atua como tal e passa a vivenciar essa prática. Ser Musicoterapeuta é algo muito específico, próprio e singular, proporcionando a maior dimensão do reconhecimento nessa identidade, estando vinculada a vivência prática da profissão.

O movimento de buscar reconhecimento através de uma regulamentação da profissão se torna menos importante quando, o Musicoterapeuta toma por perspectiva a concepção do reconhecimento de sua profissão e consequentemente de sua identidade, ocorre socialmente e publicamente através do valor positivo atribuído no feedback dos pacientes e da atuação prática, abrindo outros campos de reconhecimento externo dado à comprovação da eficiência no campo prático e não necessariamente pela regulação estatal. Visto também a diferença entre legitimação e regulamentação, o reconhecimento está mais ligado à instância legitimadora e não necessariamente a reguladora, ou seja, o reconhecimento é atribuído segundo a legitimidade do retorno social positivo.

Analizamos também de acordo com a narrativa e com o levantamento de literatura que o movimento de provar ou atribuir o status de ciência à área da Musicoterapia se torna menos importante para o profissional. Dizer que Musicoterapia é ciência ou não, se torna uma questão de menos interesse e irrelevante a se discutir nesta pesquisa. Percebe-se na narrativa as diferentes concepções de ciência e que dentro de um padrão convencional e mais antigo como cartesianismo/positivismo o profissional pode encontrar barreiras ao lutar pelo reconhecimento científico, também visto que é uma área nova e ainda 'pequena', gerando assim um outro tema de discussão sobre ciência transdisciplinar. Além do fato que dentro do contexto histórico o reconhecimento acadêmico existe através de muitos cursos que estão aprovados pelo MEC e periódicos como a Revista Brasileira de Musicoterapia ligada a UBAM (União Brasileira das Associações de Musicoterapia). O importante é discutir a profissão como uma dimensão do indivíduo e não seu status científico isolado,

Os processos de metamorfose de personagens que buscam a emancipação do indivíduo profissional ocorrem de forma sutil, são mantidos muitos aspectos de relacionamento com a música que são vivenciados desde a infância de Lorena, possibilitando uma metamorfose que busca uma emancipação profissional ainda desconhecida no sentido de atuar/exercer a profissão, mas já reconhecida pelo próprio sujeito como parte de sua identidade, ou seja, os processos de transformação se constroem no sentido da busca por uma profissão ou atuação profissional que ainda não existia

concretamente em sua realidade mas que em sua essência já havia sido experienciada.

Compreendemos que o sentido do reconhecimento ocorre na atuação de seu exercício profissional, ou seja, na prática e no retorno positivo. Primeiramente confirmado pelos avanços e evoluções dos pacientes, provando a eficácia da Musicoterapia e a eficiência pessoal e individual de seu trabalho, possibilitando posteriormente a confirmação desse reconhecimento de sua identidade profissional, a despeito da identidade coletiva do papel.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, J. A. M. **Sobre a Anamorfose: Identidade e Emancipação na Velhice**. Tese de doutorado em Psicologia Social. São Paulo: PUC, 2005.

ANTUNES, M. S. X. A Compreensão do Sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação por Intermédio das Narrativas de História de Vida: uma discussão sobre o método. In LIMA, A. F. (ORG). **Psicologia Social Crítica Paradoxos do Contemporâneo**. Pg. 67-84. Porto Alegre. Sulina. 2012.

BENENZON, R. **Manual de Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.

_____. **Teoria da Musicoterapia**: contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal. São Paulo: Summus, 1988.

BERGAMINI M.G. **Regulamentação Profissional do Musicoterapeuta - Revendo o Projeto de Lei nº 4.827/2001**. - Faculdades Metropolitanas Unidas 2010.

BERGER, L. P. **Indivíduo e Sociedade**. In: BERGER, L. P. *El dosel sagrado*. Buenos Aires: Amorrortu, 1971. Cap. 1.

_____; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

BRABO, J. R. **Audição Musical e Respostas a Dilemas Morais**. 2003, 70f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro Universitário Municipal de São Caetano do Sul, IMES, 2003.

BRUSCIA, K. E. **Definindo Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CIAMPA, A. C. **A Estória do Severino e a História da Severina**: um ensaio de psicologia social. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. **A Identidade Social e Suas Relações com a Ideologia**. 1977. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Cap. III – A Identidade na Psicologia Social, Item 3 – Uma Concepção da Identidade Social: O Modelo Tridimensional, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

_____. Identidade. In LANE, S. T. M; CODO, W. (org.) **Psicologia Social. O Homem em Movimento**. Pg. 58-75. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Políticas de Identidade e Identidades Políticas**. In: DUNKER, C. I. L; PASSOS, M. C. (Orgs.). *Uma psicologia que se interroga: ensaios*. São Paulo: Edicon. 2002. p. 133-144.

COSTA C.M. A Especificidade da Musicoterapia e a Identidade do Musicoterapeuta. **XI Fórum Paranaense de Musicoterapia e IX Encontro Nacional de Pesquisa em MT**, 2009.

_____. A Origem. **Musicoterapia no Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.maristelasmith.com.br/site/>>

_____. A Produção do Saber. **Musicoterapia no Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.maristelasmith.com.br/site/>>

_____. O Saber da Musicoterapia e o Musicoterapeuta. **Musicoterapia no Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.maristelasmith.com.br/site/>>

_____. Precursores. **Musicoterapia no Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.maristelasmith.com.br/site/>>

_____. Quem Fomos, Quem Somos. Para onde Vamos. **Musicoterapia no Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.maristelasmith.com.br/site/>>

DECOME POKER, C. T. **O que eu fiz com o que as instituições fizeram de mim? A história de Molly e sua luta por emancipação frente às políticas de identidade no acolhimento institucional**. 2014, 237 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2014.

FARR, R.M. **As Raízes da Psicologia Social Moderna**. Cap. 4, George Herbert Mead: Filósofo e Psicólogo Social. Ed Vozes, 1998, Petrópolis - RJ.

FEDERAÇÃO MUNDIAL DE MUSICOTERAPIA INC. COMISSÃO DE PRÁTICAS CLÍNICAS. **Definição de Musicoterapia**. Revista Brasileira de Musicoterapia. Vol.1, número 2. UBAM, Rio de Janeiro. 1996. Disponível em: <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/revistademusicoterapia21996.html>. Acesso em: 20 jun. 2013.

FREIRE M. H. **A Regulamentação Profissional do Musicoterapeuta**. Universidade de Ribeirão Preto Departamento de Música – Curso de Graduação em Musicoterapia 2007.

GOFFMAN, E. **A Representação Do Eu Na Vida Cotidiana**. 10ª ed. Vozes, 2002, Petrópolis.

_____. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Zahar, 1975. Rio de Janeiro.

HABERMAS, J. **Para a Reconstrução do Materialismo Histórico**. São Paulo: Brasiliense. 1983.

HONNETH, A. **Luta por Reconhecimento**: A gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

JOUCOSKI A. **A Regulamentação da Profissão do Musicoterapeuta**- Faculdade de Artes do Paraná – Curitiba 2004.

KONDER, L. **O Que é Dialética**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense. 1981.

LANE, S. T. M. Consciência / Alienação: a Ideologia no Nível Individual. In: LANE, S. T. M; CODO, W. (org.). **Psicologia Social. O Homem em Movimento**. P. 40-47. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____; A Mediação Emocional na Constituição do Psiquismo Humano. In: LANE, S. T. M; SAWAIA, B. B. (org.). **Novas Veredas da Psicologia Social**. P. 55-63. São Paulo: Educ/Brasiliense, 2006.

MARX, K.; ENGELS, F. A ideologia Alemã, Werke, vol.3, p 21. 1845.

MEAD, G.H. **Espírito, Persona y Sociedad**, desde el punto de vista del conductivismo social; Cap. 3, La Persona, ed. Paidós 1973, Buenos Aires.

MORRIS, C. W. (ORG.) **Mente, Self e Sociedade**. Editora Ideias e Letras, Aparecida, São Paulo. 2010.

PORTUGAL, F.T.; FERREIRA, A. A. L.; JACÓ-VILELA, A. M. **História da Psicologia Rumos e Percursos**. Cap.28 Psicologia social em George Hebert Mead, na escola de Chicago e em Erving Goffman. Ed. Nau, 2007, Rio de Janeiro.

SAMPAIO, A. C. P. Música em Musicoterapia. In: SAMPAIO T. R.; SAMPAIO, A. C. P. (Orgs.). **Apontamentos em Musicoterapia**. São Paulo: Apontamentos, 2005.

SANTOS M.S. **Contemporaneidades e Produção de Conhecimento: A Invenção da Profissão de Musicoterapeuta**, Doutorado em Psicossociologia e Ecologia Social – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa EICOS, 2011.

_____; RIBEIRO PEDRO, R. M. L. Musicoterapia em Ação: Primeiros Movimentos da Invenção de uma Profissão. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, ano XI, nº 9, 2009.

SOUZA, F. R. **George Hebert Mead, contribuições para a Psicologia Social**. 2006, 125 f. Dissertação de Mestrado (Programa de estudos de pós-graduação em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2006.

SPINK, M.J.P.; FIGUEIREDO P.; BRASILINO J. **Psicologia Social e Personalidade**. Cap. 1; Pessoa, indivíduo e sujeito: Notas sobre efeitos discursivos de opções conceituais. Ed Centro Eldestein de pesquisas sociais, ABRAPSO, biblioteca virtual de ciências humanas. 2012. Rio de Janeiro.

TODOROV, T. **A Vida em Comum**: ensaio de antropologia geral. Campinas, SP: Papirus, 1996.